



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LETRAS INGLÊS**

**NIVAGMA DIAS CLIDÓRIO**

**UM ESTUDO DAS METÁFORAS NO SERMÃO “PECADORES NAS MÃOS  
DE UM DEUS IRADO”, DE JONATHAN EDWARDS, NA PERSPECTIVA DA  
ANÁLISE DO DISCURSO**

**CAMPINA GRANDE - PB  
2018**

**NIVAGMA DIAS CLIDÓRIO**

**UM ESTUDO DAS METÁFORAS NO SERMÃO “PECADORES NAS MÃOS  
DE UM DEUS IRADO”, DE JONATHAN EDWARDS, NA PERSPECTIVA DA  
ANÁLISE DO DISCURSO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Estadual da Paraíba, como requisito  
parcial à obtenção do título de Graduada em  
Letras com Habilitação em Língua e Literatura  
Inglês.

Orientador: Prof. Me. Técio Oliveira Macedo

**CAMPINA GRANDE - PB  
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M141e Clidório, Nivagma Dias.  
Um estudo das metáforas no sermão ", de Jonathan Edwards na perspectiva da análise do discurso [manuscrito] : / Nivagma Dias Clidório. - 2018.  
52 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.  
"Orientação : Prof. Me. Técio Oliveira Macedo, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Análise do discurso. 2. Sermões. 3. Metáforas.

21. ed. CDD 401.41

NIVAGMA DIAS CLIDÓRIO

UM ESTUDO DAS METÁFORAS NO SERMÃO “PECADORES NAS MÃOS DE UM  
DEUS IRADO” DE JONATHAN EDWARDS NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO  
DISCURSO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Graduada em Letras com Habilitação em  
Língua Inglesa.

Orientador: Prof.Me. Técio Oliveira Macedo

Aprovado em: 08/06/2018.

BANCA EXAMINADORA

Técio Oliveira Macedo

Prof. Me. Técio Oliveira Macedo (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Nota: 8,5

Nathalia Leite de Queiroz Sátiro Nota: 8,5

Prof. Ma. Nathalia Leite de Queiroz Sátiro  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Marília Bezerra Cacho Brito Nota: 8,5

Prof. Ma. Marília Bezerra Cacho Brito  
Universidade Estadual da Paraíba(UEPB)

Ao meu esposo Carlos Antonio pelo incentivo e apoio e aos meus filhos Eduardo Felipe e Benjamin pela compreensão dos momentos ausentes, DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pela sua infinita graça e misericórdia estendidas a mim, a Ele toda honra e toda glória.

Ao meu esposo Carlos Antonio, que não mediu esforços para que eu pudesse novamente voltar a estudar e que sempre me animou nos momentos mais complicados.

Ao meu filho primogênito, Eduardo Felipe que compreensivelmente compartilhou da minha jornada para concluir o curso de Letras e a Benjamin desde do ventre presente nessa jornada.

Ao meu orientador e professor Técio, pela gentileza e disponibilidade em orientar meu trabalho, o qual tem meu respeito e admiração como profissional e pessoa.

As professoras examinadoras deste trabalho, Nathalia Sátiro e Marília Cacho pela disponibilidade em contribuir com o mesmo.

Aos meus colegas de turma que me proporcionaram momentos descontraídos e de crescimento pessoal, aos quais expresso meu carinho.

A Larissa e Lairla, minhas companheiras inseparáveis de todos os trabalhos acadêmicos. Obrigada, por todo auxílio e companhia.

Ao corpo administrativo da UEPB, pela prontidão quando me foi necessário e aos docentes da Unidade Acadêmica de Letras, que contribuíram para minha formação.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>1 JONATHAN EDWARDS: UM BREVE CONTEXTO HISTÓRIO</b> .....	8
<b>2 ANÁLISE DO DISCURSO</b> .....	12
<b>3 METÁFORA</b> .....	16
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	20
<b>5 ANÁLISE DE DADOS</b> .....	20
5.1 METÁFORAS DA PERCEPÇÃO DO INFERNO .....	20
5.2 METÁFORAS DA PERCEPÇÃO DA IRA DE DEUS.....	22
5.3 METÁFORAS DA PERCEPÇÃO DA SITUAÇÃO DO PECADOR.....	25
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	28
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	30
<b>ANEXOS</b> .....	32

## UM ESTUDO NAS METÁFORAS NO SERMÃO “*PECADORES NAS MÃOS DE UM DEUS IRADO*” DE JONATHAN EDWARDS NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO

Nivagma Dias Clidório<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar de que modo a metáfora é utilizada por Jonathan Edwards no sermão “*Pecadores nas mãos de um Deus irado*” e como objetivos específicos propor um diálogo entre a Análise do Discurso e o estudo da metáfora; e investigar a construção metafórica das percepções sobre a ira de Deus, o inferno, e o pecador. Constituímos alguns trechos do referido sermão como *corpus* deste trabalho. A metodologia utilizada foi de consulta bibliográfica de cunho qualitativo. Os autores utilizados na fundamentação teórica foram, entre outros, Orlandi (2015) e Brandão (2012) apresentando a teoria da Análise do Discurso; Gomes (2009) e Marsden (2015), quanto ao contexto histórico do período Colonial e da vida de Edwards, Vereza (2013) e Correia (2016), ao que concerne a metáfora, notadamente, aos estudos referentes a Teoria Cognitiva da Metáfora proposta por Lakoff e Johnson (1980). Verificamos que as metáforas são utilizadas no discurso religioso como estratégia linguística-discursiva, suscitando a construção do discurso e podendo influenciar percepções.

**Palavras chaves:** Análise do Discurso. Sermão. Metáfora. Discurso.

### INTRODUÇÃO

Jonathan Edwards foi um pastor norte-americano puritano que viveu no século XVIII, considerado por muitos estudiosos, de sua obra e vida, como não somente o maior filósofo e teólogo dos Estados Unidos, bem como também o mais notável e prestigiado dos calvinistas americanos (PIPER e TAYLOR 2011; MARSDEN 2015; PACKER 2016). Apesar de ser um autor de uma ampla literatura, Edwards é mais conhecido pelo célebre sermão *Pecadores nas mãos de um Deus irado*, pronunciado durante o movimento sócio religioso *Great Awakening* (1740-1742), o qual exortava os ouvintes da realidade do inferno. Ele pregava seus sermões com uma genuína convicção causando impacto naqueles que o ouvia.

A linguagem utilizada por Edwards em seus escritos é demasiadamente repleta de metáforas, figuras de linguagem que subjazem o discurso linguístico, representando um fato fundamental da linguagem (CORREIA, 2016). Os estudos de Lakoff e Johnson (1980 *apud* VEREZA, 2010) sobre metáfora contrapõem a perspectiva de que o uso dela se limita apenas

---

<sup>1</sup> Aluna de Graduação em Letras com Habilitação em Língua Inglesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.  
Email: nivagmadias@hotmail.com



a linguagem poética e retórica, para eles, a metáfora está inserida na linguagem cotidiana, no pensamento e na ação. Diante disso, questionamos de que modo a metáfora se mostra no mais famoso sermão de Edwards e com qual finalidade.

Partimos do pressuposto de que a metáfora é uma estratégia linguística-discursiva que auxilia na construção do discurso religioso, sendo capaz de persuadir as pessoas quanto à percepção da realidade. Essa suposição foi amparada nos estudos da Análise do Discurso (AD), assim como na Linguística Cognitiva. A primeira, busca entender a língua fazendo sentido, no qual a linguagem é a mediação entre o homem e sua realidade sócio histórica (ORLANDI, 2015). A segunda apresenta a metáfora na perspectiva de um evento sócio cognitivo, como atesta Lakoff e Johnson (1980 *apud* VEREZA), “nosso sistema conceitual, a partir do qual pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico pela sua própria natureza”.

Nessa perspectiva, o objetivo geral deste trabalho é analisar de que modo a metáfora é utilizada por Jonathan Edwards no sermão “*Pecadores nas mãos de um Deus irado*”. Quanto aos objetivos específicos: propor um diálogo entre a Análise do Discurso e o estudo da metáfora e investigar a construção metafórica das percepções sobre a ira de Deus, o inferno, e o pecador.

Para este trabalho, foi feita uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, sendo dividido em cinco partes. A primeira, aborda um breve contexto histórico da América Colonial e de Jonathan Edwards, baseado em autores como Mardsen (2015), Packer (2016), Gomes (2009), entre outros. Na segunda parte, foi exposto uma sucinta introdução sobre a Análise do Discurso, fundamentadas em autores como Orlandi (2015); Brandão (2012) dentre outros, e algumas posições sobre a teoria sócio-cognitiva do discurso proposta por van Dijk, exibido por Oliveira (2013). A terceira, é um breve estudo sobre metáfora, especificamente, na perspectiva de Lakoff e Johnson apresentado por autores como Vereza (2010), Correia (2016), dentre outros. A quarta parte, trata-se dos procedimentos metodológicos. A última parte, se trata da análise do nosso *corpus*, constituído por alguns recortes do sermão *Pecadores nas mãos de um Deus irado*, contido no livro *Pecadores nas mãos de um Deus e outros sermões*, de Jonathan Edwards (2013).

## **1 JONATHAN EDWARDS: UM BREVE CONTEXTO HISTÓRICO**

No início do século XVII chegam ao nordeste da América do Norte, os puritanos, protestantes calvinistas perseguidos na Inglaterra por rejeitarem as doutrinas do catolicismo e anglicanismo religiões dominantes naquele lugar. Eles tinham a intenção de “purificar” e renovar profundamente a Igreja da Inglaterra, de modo que a Bíblia fosse a única regra e

prática de fé, vida e culto. Por isso, foram considerados hereges e traidores do reino, assim buscaram refúgio na Nova Inglaterra (EUA). Conhecidos historicamente como *Pilgrim Father* (Pais Peregrinos), esses colonos eram intelectuais e autodidatas que desejavam, por meio da educação, entender e realizar a vontade de Deus no processo de colonização da Nova Inglaterra. (MARSDEN, 2015; GOMES, 2009; VANSPANCKREN, 1994; PACKER, 2016).

Segundo Gomes (2009), o puritanismo é a força motriz da sociedade norte-americana. Até certo ponto, os peregrinos governavam como queriam, eles acreditavam que como escolhidos de Deus poderiam na nova terra construir a “nova Canaã” Bíblica, um lugar no qual a prosperidade se concretizaria seguindo rigorosamente as leis cristãs, sabendo que o bom cristão vive bem com a realização do seu trabalho, propiciando através do seu empenho e capacidade seu sustento e bem estar. Esse sentimento de autodeterminação e trabalho recompensado contribui com as ideias de liberdade e independência dos Estados Unidos, os puritanos com sua promessa de felicidade e recomeço fazem com que os Estados Unidos se formem sob o amparo do *american dream* (sonho americano), idealizando que qualquer pessoa, independente do seu passado ou condição social, pode ter sucesso (GOMES, 2009; MARSDEN, 2015).

A Nova Inglaterra crescia e procurava conciliar sua conduta bíblica as novas maneiras de se relacionar da sociedade. E é por meio da literatura que isso acontece. Como figura preeminente deste período inicial, temos Willian Bradford, com sua obra mais importante intitulada *Of Plymouth Plantation*, um diário pessoal escrito entre 1620 a 1647, que conta a história dos colonos na região de Massachusetts, descrevendo seu cotidiano, seus problemas e progresso. A precursora na área da poesia foi *Anne Bradstreet* (1612-1672), até hoje reconhecida como uma das maiores poetisas de toda a língua inglesa. Seus poemas, na maioria, são ricos pela forma como ela escreveu sobre o ambiente doméstico do cotidiano puritano evidenciando com clareza a complexidade da prática puritana (GOMES, 2009).

Apesar do sucesso com os diários e poemas, o sermão foi a mais estimada produção literária do período puritano. Devido aos seus preceitos e estilo de vida estarem presentes em todo ambiente social, a produção dos textos religiosos eram a forma de expressão máxima da América Colonial. Os sermões eram lidos na igreja como pregações sendo assim considerada a pregação o ato mais importante daquela cerimônia religiosa, pois a força da sua fé era demonstrada não por imagens, mas pela palavra. Lloyd-Jones (1984) afirma que a pregação é a tarefa primordial e principal da igreja, considerando como aspectos fundamentais daquela o sermão e o ato de pregar (GOMES, 2009; JONES, 2011).

No século XVIII durante o movimento sócio religioso intitulado *Great Awakening*

(Grande Despertamento, 1740-1742), o sermão alcança o auge da sua popularidade. A razão deste movimento foi uma resposta por parte dos pastores e homens religiosos ao distanciamento do puritanismo. O fervor religioso já não era o mesmo da última geração e o descontentamento parecia infindável levando a atual geração, conhecer subculturas que ofereciam alternativas à cultura da igreja. Nesse contexto surge Jonathan Edwards (1703-1758), pastor, erudito, pregador, teólogo, filósofo, metafísico e líder avivalista considerado uma das pessoas mais influentes e respeitadas deste movimento e da história do cristianismo, uma das personagens mais notáveis da história americana (GOMES, 2009; MARSDEN, 2015; PACKER, 2016).

Jonathan Edwards é autor de uma ampla literatura, composta por mais de mil sermões, resoluções, seu diário pessoal, as miscelâneas, alguns tratados e livros. Nenhum outro americano do período colonial produziu tanta literatura como ele. Segundo Packer (2016) Edwards foi um puritano nascido fora de tempo, mas suas origens estavam radicadas na teologia e conduta dos *Pilgrim Fathers*, ele foi um fidedigno puritano, principalmente na sua devoção à Bíblia, por toda a vida lutou destemida e obstinadamente por entendê-la e aplicá-la alimentando sua alma e o seu rebanho (PIPER, 2001; FERREIRA, 2014 *apud* CORREIA, 2016; PACKER, 2016).

Durante o período do *Great Awakening* Jonathan Edwards era pastor de uma grande e influente igreja em Northampton, New Hampshire, salvo a de Boston, era a igreja mais renomada e prestigiada da Nova Inglaterra. Ele estava desmotivado com o esfriamento do fervor espiritual e sempre buscava notícias do agir de Deus em outros lugares, nessa ocasião soube da vinda do evangelista anglicano George Whitefield, que pregava ao ar livre arrastando multidões em Londres e em outros lugares, para a Nova Inglaterra. Trocaram cartas que expressavam de forma mútua a fé, o trabalho na obra de Deus e o desejo de se encontrarem. A visita de Whitefield (1740) mudaria as perspectivas de Edwards colocando-o próximo de um avivamento internacional que alcançaria as colônias e transformaria o cenário religioso, que futuramente causaria um grande impacto político (PACKER, 2016; MARSDEN, 2015; MURRAY, 2015).

O avivamento crescia consideravelmente em dimensão e intensidade e como resposta às mensagens pregadas, pessoas reagiam com choro e desfaleciam pela condição de sua alma. Edwards usa deste momento e altera seus sermões, criando uma intensidade dramática e passa a pregar mais fora da sua igreja, assim se adaptando às novas tendências do avivamento. De acordo com Marsden (2015, p. 100) “essa combinação levou ao mais famoso – ou infame – incidente de sua vida: a pregação de Pecadores nas mãos de um Deus irado”.

Segundo Parcker (2016), Edwards foi um genuíno puritano no tocante ao método de pregação, que continha um alvo tríptico: levar os homens a entenderem, sentirem e responderem a verdade do evangelho, seus sermões eram esboçados em conformidade com esse tríptico “método” denominado pelos puritanos de proposição, prova e aplicação – “abertura, doutrina e aplicação”. Esse seria o formato clássico do sermão puritano, Gomes (2009) amplia essa informação dizendo que,

Primeiramente há o *texto*, (*i.e.*) isto é, a passagem da Bíblia que vai servir de tópico central do trabalho escrito; a seguir, aparece a *doutrina*, *i.e.* a lição que deve ser apreendida do texto; a terceira parte é a das *razões*, *i.e.* provas ou fatos que confirmam a doutrina; finalmente, aparecem os *usos*, *i.e.* a aplicação da doutrina por parte dos fiéis (GOMES, 2009, p. 24).

Assim como os puritanos, o estilo de pregação de Edwards era simples, de forma que sua pregação fosse clara e convincente para seus ouvintes (PACKER, 2016). Segundo Packer, (2016), Edwards pregava com elevado grau de poder, expunha suas ideias com tamanha precisão que pareciam adquirir vida, “ele ia desdobrando, diante das mentes, uma série de raciocínios com uma exatidão lenta e suave, quase hipnótica, em seu poder de captar a atenção dos ouvintes sobre os sucessivos desdobramentos da verdade” (PACKER, 2016, p.521).

Edwards pregava com base num manuscrito quase memorizado, seu tom de voz era sutil, constante e calmo, usava poucos gestos e contato visual enquanto falava. Apesar disso, Marsden (2015, p. 101) diz que “seus sermões eram uma combinação de lógica muito clara e intensidade espiritual que poderia, às vezes, encantar seus ouvintes”. No sermão “*Pecadores*” Edwards renova seu estilo acrescentando várias ilustrações vívidas, resultando de uma combinação poderosa. (MARSDEN, 2015; PACKER, 2016).

Durante o avivamento, o célebre sermão “*Pecadores nas mãos de um Deus irado*” foi o sermão mais aclamado e impactante do movimento. Edwards se encontrava em Enfield, Connecticut, lugar que os avivalistas estavam tentando propagar o avivamento, para ouvir uma pregação, nessa ocasião o pregador adoeceu e Edwards foi convidado para pregar em seu lugar. Aconteceu de Edwards estar com o manuscrito do sermão supracitado, o qual já tinha sido pregado em Northampton e ao que parece sem muito impacto (PIPER, 2011).

O sermão supracitado é repleto de imagens da ira de Deus contra os pecadores e ele reconhece o fogo do inferno como uma realidade, desse modo, Edwards dá ênfase a uma ardente tensão entre o julgamento e a misericórdia de Deus. Preguar sobre inferno era algo habitual naquela época, visto que os pregadores acreditavam na existência do inferno e desejavam advertir as pessoas de tão terrível realidade. Os pregadores consideravam essa

atitude uma coisa amável a ser feita, e quanto mais eles pudessem ajudar os paroquianos a sentirem o real perigo mais efetivo seria o sermão (PIPER, 2011; MARSDEN, 2015).

## 2 ANÁLISE DO DISCURSO

Desde os primórdios, a linguagem tem sido estudada de diversas maneiras, estes estudos têm se desenvolvido das mais diferentes formas e significados de acordo com as línguas e épocas diferentes. Ciente das diferenças e significados que a compõe, os estudiosos da linguagem buscaram investigar e compreender o fenômeno da linguagem além das regras formais linguísticas e das normas gramaticais, concentrando suas atenções não apenas à língua (sistema ideologicamente neutro), mas a sua exterioridade. Esse interesse pela linguagem de uma forma singular é o que deu origem a Análise do Discurso que procura compreender a língua fazendo sentido nas áreas que constituem o homem e sua história (ORLANDI, 2015; BRANDÃO, 2012).

De acordo com Orlandi (2015), a AD apresenta a linguagem como mediação indispensável entre o homem e a realidade natural e social, essa mediação se dá pelo *discurso* – que etimologicamente traz a ideia de curso e movimento - que possibilita o deslocamento e transformação do homem e de onde ele vive de forma contínua e permanente. Nesse sentido, para entender o *discurso* como objeto teórico de investigação científica da qual se ocupa a AD, devemos romper com as acepções provenientes do senso comum que regularmente faz referência ao discurso como um pronunciamento político, um texto rebuscado e eloquente, a retórica, entre outras situações de uso da língua, como disse Fernandes (2008).

Portanto, o *discurso* para a AD não é apenas uma transmissão de informações e nem acontece linearmente na disposição dos elementos da comunicação, como em uma série que alguém fala, alguma coisa é mencionada, fundamentada em um código, e o receptor capta a mensagem e a decodifica. Aliás, a língua não é apenas um código e não existe separação entre emissor e receptor e nem uma ordem sequencial em que um primeiro fala e outro decodifica. O *discurso* também não corresponde à “fala” em oposição à língua, esta considerada um sistema fixo em sua natureza social e suas invariáveis, no qual o discurso, tal como a fala são meramente uma ocorrência casual, individual, realização do sistema, com suas variáveis (FLÔRES, 2006; ORLANDI, 2015).

De acordo com Oliveira (2013), van Dijk, foi um desses estudiosos do campo da linguagem que se contrapondo quanto à concepção de língua apenas como estrutura fixa, normativa, gramatical, defende uma concepção interacionista de língua, conseqüentemente,

suas ideias sobre fenômenos discursivos inclui, relevantemente, os elementos extralinguísticos como o contexto sócio histórico em que os usuários da língua produzem discurso. Suas reflexões sobre esse tema resultaram de diversos artigos e livros que discorrem sobre a relevância da função do contexto na produção de sentidos. Como podemos observar nas palavras do próprio van Dijk:

Antes que os usuários da língua sejam capazes de relacionar as informações recebidas ao conhecimento linguístico mais geral e a outros tipos de conhecimento na sua memória, eles devem analisar o *contexto* com relação ao qual um determinado ato de fala é realizado (van Dijk, 1977:217, grifo do autor, *apud*, OLIVEIRA, 2013, p.313).

Portanto, segundo Oliveira (2013), van Dijk reformulou o conceito de contexto baseado numa perspectiva cognitiva, sendo agora ponto central nos seus estudos, ele buscou fontes teóricas diversas, que estudavam a linguagem sob a perspectiva pragmática, para amparar sua teoria sociocognitiva do discurso, considerando este um objeto de estudo não autônomo, situado social, histórica, cultural e politicamente. Nessa concepção, que o discurso não é um objeto autônomo, não basta analisá-lo somente no nível linguístico, ou micronível da fala e da escrita, ao qual se refere van Dijk. As análises da estrutura linguística são importantes, mas não o suficiente para compreensão do discurso. Como ressalta Oliveira:

Afinal, se um discurso resulta de uma interação social, histórica, cultural e politicamente situada, é necessário analisarem-se também as relações que as categorias do micronível estabelecem com as categorias daquilo que van Dijk chama de macronível social ou estruturas sociais, como, por exemplo, família, escola, corporações midiáticas, posições de poder, movimentos sociais e instituições governamentais (OLIVEIRA, 2013, p.314).

Devido aos usuários da língua encontrarem-se social, cultural, histórica e politicamente situados, eles não são autônomos para se utilizarem das estruturas discursivas como queiram. Sendo assim, “o comportamento discursivo dos usuários da língua é condicionado não apenas historicamente, como Marx esclareceu em sua obra, mas também linguisticamente, como Saussure demonstrou no *Curso de linguista geral*” (HALL, 2004, *apud* OLIVERIA, 2013, p.315). Em síntese, as estruturas sociais influenciam os usuários da língua na produção de sentidos.

Oliveira (2013) afirma que, mesmo que as restrições contextuais, como, por exemplo, gênero, classe social, etnia, idade, posição e poder, provenientes das estruturas sociais sejam imprescindíveis para a AD, não são elementos objetivos, definindo automaticamente o que o sujeito fala em uma determinada situação. Como explica van Dijk:

[...] não são o gênero, a classe social, a etnia ou o poder, vistos como elementos “objetivos”, que controlam a produção ou a compreensão de textos escritos ou falados, mas, isto sim, se e como os participantes

interpretam, representam e fazem uso de tais restrições “externas”, e especialmente como eles o fazem em interações situadas (van Dijk, 2006a: p.163 *apud* OLIVEIRA, 2013, p.316).

Sendo assim, para van Dijk, as estruturas sociais não se relacionam com as estruturas discursivas de forma mais ou menos direta, faz-se necessário uma mediação entre elas para serem estabelecidas. Em vista disso, van Dijk reelabora o conceito de contexto, o qual sirva como meio de intermediação, tendo um caráter sociognitivo. Logo, contexto é a “representação mental que os participantes fazem das propriedades relevantes da situação social na qual eles interagem e na qual produzem e compreendem os textos escritos e falados” (van Dijk, 2005:p.75 *apud* Oliveira, 2013). As reflexões de van Dijk contribuíram significativamente para os estudos do discurso.

Conforme Dantas (2007), é de comum acordo a alusão de que a AD decorre das áreas de conhecimento da Linguística, do Marxismo e da Psicanálise, na qual as áreas do conhecimento do Marxismo e da Psicanálise reportam-se a esclarecer a exterioridade do discurso (sujeito e ideologia) e a Linguística ao que é tangível e perceptível no discurso, a sua constitutividade linguística (fonemas, morfemas, frases, orações, períodos, parágrafos, textos). Orlandi (2015) afirma que:

Se a Análise do Discurso é herdeira das três regiões de conhecimento – Psicanálise, Linguística, Marxismo – não o é de modo servil e trabalha uma noção – a de discurso – que não se reduz ao objeto da Linguística, nem se deixa absorver pela Teoria Marxista e tampouco corresponde ao que teoriza a Psicanálise. Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o Materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele (ORLANDI, 2015, p. 18).

Para Pêcheux (*apud* Mussalim, p. 105, 2001) a instituição da AD “exige uma ruptura epistemológica, que coloca o estudo do discurso num outro terreno em que intervêm questões teóricas relativas à ideologia e ao sujeito”, um terreno em que se relacionam a Linguística e as Ciências Sociais. Baseada no materialismo histórico, a AD entende o discurso como uma materialização da ideologia resultante da forma de organizar os modos de produção social.

Orlandi (2015), corroborando com esse pensamento, afirma que, partindo do pressuposto de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua, se trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Por conseguinte, o discurso é o meio possível para se entender essa relação entre língua e ideologia, resultando na compreensão de como a língua produz sentido por/para os sujeitos. Portanto a ideologia é a condição para constituição do sujeito e dos sentidos (ORLANDI,

2015). Neste contexto, entendendo noção de sentido como um efeito de sentidos entre sujeitos em interlocução, se expressando por intermédio do uso da linguagem, logo uma palavra pode ter vários sentidos de acordo com o lugar socioideológico daqueles que a usam (FERNANDES, 2008).

De acordo com Brandão (2012), as diversas maneiras de enxergar e conceituar a ideologia oscila entre duas concepções distintas, o que conseqüentemente influencia nas diferentes formas de tratar a relação linguagem-ideologia. De um lado, a concepção de ideologia voltada para o marxismo, que evidencia a ideologia de forma mais restrita e particular, compreendendo que ela é o meio que surrupia a realidade social suprimindo as questões que lhe são próprias. Como resultado, sugere um discurso ideológico que se utiliza de alguns procedimentos para legitimar o poder de uma classe social. De outro lado, uma concepção de ideologia mais abrangente, uma visão de mundo de certa comunidade social, numa certa circunstância histórica. Ocasionalmente um entendimento dos fenômenos linguagem e ideologia como fatos intimamente ligados e reciprocamente necessários. Assim, “não há um discurso ideológico, mas todos os discursos o são” (BRANDÃO, 2012, p. 30). Orlandi (2015) acrescenta que:

Enquanto prática significante, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito do sujeito com a língua e a com história para que haja sentido. E como não há uma relação termo-a-termo entre linguagem/mundo/pensamento essa relação torna-se possível porque a ideologia intervém com seu modo de funcionamento imaginário (ORLANDI, 2015, p.46).

Para compreendermos mais claramente a noção de sujeito para AD, consideremos que o sujeito não é um ser humano individualizado, uma pessoa, mas consideremos um sujeito discursivo, um ser inserido num contexto coletivo, social e ideológico em um determinado momento da história e não em outro. A voz desse sujeito ecoa outras vozes constitutivas de certa realidade histórica e social, nessa perspectiva, a AD considera o sujeito constituído por diferentes vozes sociais. Assim, o sujeito não é homogêneo, seu discurso é formado por diferentes discursos provenientes de diferentes vozes, que presentes na voz do sujeito, para a AD, denomina-se polifonia replicando a noção de heterogeneidade. (FERNANDES, 2008). Conseqüentemente, como afirma Mussalin:

O sujeito do discurso não poderia ser considerado como aquele que decide sobre os sentidos e as possibilidades enunciativas do próprio discurso, mas aquele que ocupa um lugar social e a partir dele enuncia, sempre inserido no processo histórico que lhe permite determinadas inserções e não outras (MUSSALIN, 2001, p. 110).

Nesse contexto, é significativo expor a noção de formação discursiva (doravante



FD), que segundo Orlandi (2015), mesmo polêmica é básica na AD para a compreensão do processo das implicações em torno das noções de discurso, sentido e ideologia. Sendo assim, o sentido é demarcado pelas posições ideológicas presentes no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas, elas mudam seu sentido de acordo com essas posições inseridas nas formações ideológicas. Logo, “a formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada a uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode ser dito” (ORLANDI, 2015, p.41). As formações discursivas constituem no discurso as formações ideológicas.

A heterogeneidade do discurso é uma característica fundamental para refletir a sua identidade na qual afeta o conceito de FD, “várias linguagens em uma única” (BRANDÃO, 2012, p. 49). Assim, uma FD é confinada com várias FDs, por consequência, definida a partir de seu interdiscurso (dizer o já dito). Dessa forma, “um discurso nunca seria autônomo: como ele se remete sempre a outros discursos, suas condições de possibilidades semânticas se concretizariam num espaço de trocas, mas jamais enquanto identidade fechada” (BRANDÃO, 2012). Nesse sentido, o discurso é o meio pelo qual o homem manifesta e constrói seus conflitos, posições e confrontos ideológicos.

### 3 METÁFORA

A definição clássica da metáfora, que teve origem na tradição aristotélica, é a de que uma ou mais palavras são usadas fora de seu significado convencional para expressar um outro significado. Outro aspecto clássico é que elas se limitam à linguagem poética e não às linguagens convencionais (STREY, 2010), referindo-se apenas como uma tradição retórica, vista como um desvio da norma culta e um recurso literário (REZENDE, 2010, p.01). Contrapondo-se a essas ideias clássicas Lakoff e Johnson (1980, 1992, *apud* Strey, 2010) reconhecem que as metáforas não são apenas usadas na linguagem, mas se encontram na linguagem cotidiana. Essa nova perspectiva representa uma oposição à tradição objetivista, que tem a ideia de um mundo baseado em verdades absolutas e incondicionais, independente do conhecimento do homem, tal ideia é representada pela linguagem literal, considerando a linguagem figurativa apenas um adorno desta. Contrapondo ao objetivismo, Lakoff e Johnson (1980, *apud* CORREIA 2016), propõem o experiencialismo ao afirmar que o homem faz parte do ambiente e a forma como ele interage com esse ambiente e com outras pessoas é consequência da compressão que este tem do mundo (ANDRADE, 2008; CORREIA, 2016).

Sendo assim, como afirma Vereza (2010), a metáfora como figura de pensamento integraria a linguagem cotidiana e não apenas a poética e a retórica, deixando de ser estudada

apenas como um recurso linguístico passando a ser, sobretudo, cognitivo. Como sugere Lakoff e Johnson (1980 [2002], *apud* VEREZA p. 205).

A metáfora para a maior parte das pessoas é um mecanismo da imaginação poética e do requinte teórico: uma questão de linguagem “extraordinária” em vez da linguagem comum. Além disso, a metáfora é tipicamente vista como uma característica da linguagem: uma questão de palavras e não de pensamentos e ações. Por essa razão, a maioria das pessoas pensa que pode viver perfeitamente bem sem a metáfora. Nós acreditamos, no entanto, que a metáfora faz parte da vida cotidiana, não somente na linguagem, como também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual, a partir do qual pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico pela sua própria natureza (LAKOFF e JOHNSON, 1980 [2002]: 3).

Essa nova visão do *locus* da metáfora tem representado uma quebra de paradigma na pesquisa sobre essa figura de linguagem, que passa a ser tratada como figura de pensamento. Essa nova concepção resulta na Teoria Cognitiva da Metáfora ou Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), de base cognitivista, proposta por Lakoff e Johnson, publicada no livro *Metaphors we live by* (1980). Conforme os autores nosso sistema conceptual é metafórico por natureza, sendo assim as metáforas se encontram no pensamento e não na linguagem, esta é a responsável por evidenciar essas metáforas conceptuais por meio de “expressões metafóricas”. Logo, para esses autores, as metáforas são figuras do pensamento, já que sua origem é a mente e não a língua (VEREZA, 2013; ANDRADE, 2008; CORREIA 2016). Os autores da TCM esclarecem como se dá o funcionamento desse sistema:

Nosso sistema conceptual não é algo quando qual normalmente temos consciência. Na maioria dos pequenos atos da nossa vida cotidiana, pensamos e agimos mais ou menos automaticamente, seguindo certas linhas de conduta, que não se deixam aprender facilmente. Um dos meios de descobri-las é considerar a linguagem. Já que a comunicação é baseada no mesmo sistema conceptual que usamos para pensar e agir, a linguagem é uma fonte de evidência importante de como é esse sistema. Baseando-nos, principalmente, na evidência linguística, constatamos que a maior parte de nosso sistema conceptual ordinário é de natureza metafórica (LAKOFF E JOHNSON, 2002, p.46 *apud* CORREIA 2016).

Visto que Lakoff e Johnson (2002 *apud* CORREIA 2016) subentendem que o pensamento humano é metafórico, e que o sistema conceptual é formado e definido por meio de metáforas, que passam a ser consideradas uma forma de conceptualização. Portanto, a TCM está rigorosamente relacionada à linguística cognitiva. A linguagem, como parte da cognição humana, está estreitamente conectada a outros domínios cognitivos. Os autores sugerem um mapeamento de dois domínios cognitivos, isto é, uma projeção de dois domínios conceptuais: o domínio fonte, geralmente mais concreto e experiencial, e o domínio alvo,

geralmente mais abstrato. As metáforas conceptuais são representadas mediante um mapeamento de estrutura sistemática, destacadas por letras maiúsculas: DOMÍNIO ALVO E DOMÍNIO FONTE (CORREIA, 2016; STREY, 2010; ANDRADE, 2008)

Conforme a perspectiva lakoffian, as principais metáforas conceptuais são estruturais, orientacionais e ontológicas. As estruturais são responsáveis por estruturar metaforicamente um termo abstrato por outro concreto, determinando uma relação entre os domínios, por exemplo, DISCUSSÃO É GUERRA, TEMPO É DINHEIRO. Já as metáforas orientacionais são aquelas responsáveis por estruturar um sistema completo de conceitos em relação a outro, as mesmas estão ligadas a orientação espacial tais como para cima/para baixo, dentro/fora, frente/trás, centro/periferia. As metáforas ontológicas (também chamadas de Metáforas de personificação) tratam de, sendo o ser humano uma entidade limitada e separada por uma superfície, é capaz de compreender certas experiências como objetos ou substâncias o que o permite a se referir a elas, categorizá-las, quantificá-las etc., capacitando-o a entender eventos, atividades, emoções e ideias como entidades e substâncias (REZENDE 2010; MOREIRA, 2017; CORREIA, 2016).

Lakoff e Johnson (1980, *apud* MOREIRA, p. 6, 2017) se referem à personificação:

“como um tipo específico de metáfora ontológica em que um objeto físico é especificado como sendo uma pessoa. Esse tipo de fato cognitivo nos permite compreender uma série de experiências envolvendo entidades não humanas em termos humanos”.

Os autores ainda ressaltam que a personificação é uma categoria geral que envolve uma variedade de metáforas, cada qual evidenciando diferentes aspectos e/ou a maneira de como vemos uma pessoa. De acordo com os autores, a personificação é uma ampliação das metáforas ontológicas o que nos permite a compreensão no tocante a alguns fenômenos do mundo em termos humanos. (MOREIRA, 2017).

Na Gramática Normativa, a maioria dos gramáticos define metáfora baseados na concepção retórica aristotélica, na qual afirma ser a metáfora uma comparação com formas diferentes (REZENDE, et al., 2010). Para Faraco, Moura & Maruxo (2012, p. 524.), a metáfora é uma figura de linguagem que “consiste na utilização de uma palavra para falar de uma realidade que essa palavra não designa habitualmente. A metáfora ressalta, por essa razão, uma semelhança entre duas realidades”. Segundo Campedelli & Souza (2000, *apud* REZENDE, et al., 2010 p. 05) a metáfora atua como uma figura de palavra ou de pensamento, “é o resultado de uma comparação mental”. Já Abaurre, Pontara & Fadel (2003, *apud* REZENDE et al., 2010) veem a metáfora como figura de palavra e definem a mesma assim:

Quando se constrói uma metáfora, diz-se que houve uma transferência (a palavra grega *metaphorá* significa “transporte”) de um termo para um contexto de significação que não lhe é próprio. As metáforas baseiam-se em uma relação de similaridade (semelhança) que pressupõe um processo anterior de comparação. Pode-se dizer, portanto, que a comparação está na base da formação das metáforas.

De acordo com Cegalla (2000), a metáfora é uma figura de palavra e “é o desvio da significação própria de uma palavra, nascido de uma comparação mental ou característica comum entre dois seres ou fatos” (2000 *apud* REZENDE, et al., 2010 p.06), e esclarece a diferença entre metáfora e comparação:

Não confundir metáfora com a comparação. Nesta, os dois termos vêm expressos e unidos por nexos comparativos (como, tal, qual, etc.):  
 Nero foi cruel como um monstro. (comparação)  
 Nero foi um monstro. (metáfora)  
 (CEGALLA, 2000)

Para Pimentel & Mendes (s/d, *apud* REZENDE et al. 2010 p. 07) a metáfora é definida como “uma substituição por semelhança ou uma comparação subentendida, em que o conectivo não está expresso”. Diante dessas definições podemos enxergar que a maioria dos autores supracitados compreende a metáfora como figura de palavra, e Faraco, Moura e Maruxo (2012) como figura de linguagem. Somente Campedelli & Souza (2000) apresentam que a metáfora pode ser figura de palavra ou de pensamento. Todas as definições de metáfora mostram uma relação entre esta e a comparação como se a metáfora fosse meramente uma comparação implícita (REZENDE et al., 2010).

Diante do exposto acima percebemos que as definições de metáfora evidenciadas pelos autores das gramáticas tradicionais e pedagógicas se afastam do que foi proposto por Lakoff e Johnson (2002 *apud* REZENDE, et al., 2010), visto que estes autores apresentam a metáfora como figura de pensamento e não de linguagem. Para eles as metáforas estão presentes no nosso dia a dia indicando a forma como vemos o mundo. (REZENDE et al., 2010).

Nosso trabalho seguirá a TCM proposta por Lakoff e Johnson (1980 *apud* VEREZA, 2013; ANDRADE, 2008; CORREIA 2016).

## 4 METODOLOGIA

Este trabalho se trata de uma pesquisa bibliográfica, que para Gil (2002) este tipo de pesquisa é desenvolvida a partir do material já produzido, formados especialmente de livros e artigos científicos e também é uma pesquisa de cunho qualitativo, método o qual o pesquisador com os dados coletados se dispõe a participar, compreender e interpretar as informações (FONSECA, 2012). Sendo assim, foi realizado um resgate histórico da Análise do Discurso de suas teorias e práticas, um breve contexto histórico e bibliográfico do período Colonial Americano e do autor do sermão “*Pecadores nas mãos de um Deus irado*”, objeto do nosso estudo, Jonathan Edwards. Foi também realizada uma sondagem teórica sobre Metáfora, já que sua abordagem será fundamental para a análise deste trabalho.

A pesquisa procedeu da leitura do sermão e foram feitos alguns recortes deste, na tentativa de demonstrar como Jonathan Edwards construiu seu discurso fazendo uso das metáforas, na perspectiva lakoffiana, que entende que a metáfora faz parte da vida cotidiana, não somente na linguagem, mas em pensamentos e ação, para radicar as concepções referentes às noções e crenças relacionadas à Ira Divina, Inferno e ao Pecador.

## 5 ANÁLISE DOS DADOS

A análise foi dividida em três pontos, que trata de algumas metáforas, retiradas do sermão “*Pecadores*”, referentes à percepção que Edwards tinha sobre o inferno, sobre a ira de Deus e sobre o pecador. Para isso, nos baseamos na fé calvinista protestante ou fé reformada de Edwards, amparada por autores como PACKER (2016); PIPER (2011) entre outros. Foram escolhidos alguns trechos do sermão referente a cada percepção descrita acima e analisadas distintamente.

### 5.1 Metáforas da percepção do inferno

1. “*A antiga serpente escancara a boca para eles, o inferno abre a boca larga para os receber e, se Deus o permitisse, eles imediatamente seriam tragados e perdidos*”. (EDWARDS, 2013, p. 36).

A metáfora, “**A antiga serpente**” representa a imagem de Satanás que prontamente “escancara”, abre as portas do inferno para os pecadores. É possível conjecturar que a escolha do autor por esse animal esteja relacionada ao fato de que no primeiro livro da Bíblia, denominado “Gênesis”, capítulo 3, Satanás é apresentado como uma serpente, cuja sagacidade levou o primeiro casal de seres humanos, a saber, Adão e Eva, a se rebelarem contra Deus. Adicionalmente, a imagem de uma serpente de boca totalmente aberta para tragar a sua vítima é conhecida de todos. Uma vez que, quando atingida pelo bote mortal da serpente, a vítima está

fatalmente perdida. É com essa percepção que Edwards usa de um evento comum na natureza, incluído no contexto daquele lugar, para metaforicamente enfatizar a fatalidade de ir para o inferno e as consequências para aqueles que seriam tragados por ele. Aqui pudemos constatar o conceito de contexto elaborado por van Dick (2005, *apud* Oliveira, 2013) que diz que o contexto é uma representação da mente feita por aqueles que participam de situações do âmbito social, os quais ao interagirem com mesmo produzem e compreendem textos escritos e falados, dispondo de um caráter sociocognitivo. Para o autor, complementando a expressão, o que impede de o inferno tragar os seus ouvintes (leitores) é a manifestação da bondade e misericórdia de Deus sobre eles (“se Deus o permitisse”).

2. *“O Diabo espera por eles, o inferno escancara a boca para eles, **as chamas se juntam e flamejam sobre eles e de bom grado os agarram e os engolfam**. O fogo contido nos seus corações se debate para incandescer”.* (EDWARDS, 2013, p. 40).

Na expressão “... **as chamas se juntam e flamejam sobre eles e de bom grado os agarram e os engolfam...**” representa uma personificação, considerada por Lakoff e Johnson (2002 *apud* MOREIRA 2011) um tipo de metáfora ontológica, que nos permite compreender alguns fenômenos do mundo em termos humanos. Dito isso essa expressão metafórica causa a impressão de que há uma ansiedade, associada a um desejo, dessas chamas (inferno) tragarem os pecadores, desejando fazer deles o combustível para manter suas chamas acesas e intensas. Na verdade, de acordo com a crença do autor, o Diabo e o inferno têm como objetivo manter todos os seres humanos cativos e, para expor essa realidade e convencer os seus ouvintes (leitores), Edwards faz uso dessas metáforas contendo elementos do cotidiano para aproximar o invisível a uma realidade material deles.

3. *“Esse mundo de **miséria**, esse **lago de enxofre ardente** está estendido amplamente sob você. Há o terrível inferno de **chamas ardentes** da ira de Deus. **Há a boca abertamente escancarada do inferno**. Você não tem nada sobre que se firmar, nem algo a que se agarrar. Não há nada entre você e o inferno, exceto o ar. É somente o poder e a mera vontade de Deus que o segura”* (EDWARDS, 2013, p. 40-41).

Edwards usa as metáforas repetitivamente como um recurso discursivo na tentativa de persuadir e despertar as percepções dos ouvintes (leitores) para a realidade e horror do inferno. Sendo assim, usa mais uma vez a figura de chamas ardentes e a imagem de uma serpente de boca totalmente aberta para caracterizar o inferno. Complementando a essa caracterização a “miséria” e o “lago de enxofre ardente”. Além desses elementos que podem causar dor e sofrimento, o autor apresenta um cenário de insegurança total para os pecadores (“Você não tem nada sobre que se firmar, nem algo a que se agarrar. Não há nada entre você

e o inferno, exceto o ar”). O texto transmite a ideia de uma pessoa flutuando no ar sem qualquer possibilidade de segurança, a qual poderá a qualquer momento se deslocar em movimento vertical para baixo, caindo, assim, no “... terrível inferno de chamas ardentes da ira de Deus”. Ainda é possível identificar que, similarmente ao apresentado na metáfora da Pag. 36, Versos 26-28, para Edwards, o que impede de o inferno tragar os seus ouvintes (leitores) é a manifestação da bondade e misericórdia de Deus sobre eles (“É somente o poder e a mera vontade de Deus que o segura”).

Ao analisar as metáforas acima, utilizadas por Edwards para convencer seus ouvintes sobre a percepção dele com relação ao inferno, podemos identificar, como propôs Lakoff e Johnson (2002 apud CORREIA, 2016), um mapeamento sistemático entre dois conceitos: o domínio fonte “O inferno”, em termo do domínio alvo “chamas ardentes”. O autor revela por meio de uma metáfora estrutural, que lá “o fogo está pronto, a fornalha está quente para os receber, as chamas ardem e reluzem” e que “a antiga serpente escancara a boca para eles” e “o diabo espera por eles”. Sendo assim, podemos conceptualizar, já que, segundo Lakoff e Johnson (2002 *ibid*) a metáfora é considerada uma forma de conceptualização, que “O inferno é a habitação do diabo”, “o diabo é uma serpente” e que “o inferno é um lugar hediondo”. Edwards, ainda, expressando metaforicamente, diz que o inferno é “Esse mundo de miséria, esse lago de enxofre ardente... Há o terrível inferno de chamas ardentes da ira de Deus. Há a boca abertamente escancarada do inferno”, nesse sentido podemos estruturar os conceitos discursivos dispondo os domínios como “o inferno é um lago de fogo”, um lago de enxofre ardente” ou “o inferno é um vulcão de ira”.

Ao se utilizar dessas metáforas, Edwards pretendia convencer seus ouvintes da realidade do céu e inferno, enfatizando as implicações concernentes ao castigo e destruição aos quais os mesmos estavam expostos, caso não se arrependessem dos seus pecados.

## 5.2 Metáforas da percepção da ira de Deus

1. “*A ira de Deus é como grandes águas que por enquanto estão represadas*” (EDWARDS, 2013, p. 42).

Nessa expressão, Edwards utiliza uma comparação explícita por meio da conjunção “como”, o que para alguns possa significar a perda total da significação metafórica, no entanto, “a metáfora não é resultado de uma comparação implícita; doutra sorte, a comparação é que é uma metáfora explicitada” (BECHARA, 2009, apud CORREIA, 2016). Dito isso, o autor compara metaforicamente a ira de Deus a “grandes águas que por enquanto estão represadas” que tem como objetivo principal levar o ouvinte (ou leitor) ao entendimento

de que está sob o justo juízo divino, no entanto, a manifestação do Mesmo tem sido adiada porque, no entendimento de Edwards, Deus tem manifestado a sua misericórdia (represada), dando oportunidade de arrependimento e mudança de atitudes e comportamentos. Entretanto, é possível identificar na expressão, a advertência do autor de que, assim como uma represa pode se romper, se as águas vierem a se acumular excessivamente, a misericórdia de Deus pode dar lugar à sua ira, caso eles insistam em não mudarem suas atitudes, se ajustando aos preceitos de Deus descritos na Bíblia Sagrada.

2. *“As inundações da vingança de Deus foram retidas, mas sua culpa no tempo médio está aumentando de modo constante e você está diariamente entesourando mais ira”* (EDWARDS, 2013, p. 42).

Similarmente, o uso da expressão “As inundações da vingança de Deus foram retidas” tem o mesmo objetivo principal de levar o ouvinte (ou leitor) ao entendimento de que está sob o justo juízo divino, mas Deus tem manifestado a sua misericórdia, com o propósito de haver uma genuína mudança de vida por parte dos ouvintes (leitores). No entanto, com o uso da expressão “você está diariamente entesourando mais ira”, Edwards enfatiza que se eles continuarem com seus comportamentos contrários aos preceitos de Deus, similar a alguém que acumula recursos financeiros, eles estarão acumulando a ira de Deus sobre si. É relevante ressaltar que o uso da repetição no discurso de Edwards, atua como um recurso retórico e tem a finalidade de enfatizar certos pontos que o interlocutor quer que fiquem totalmente esclarecidos para o público alvo. E, nesse contexto, a repetição tem um papel completamente doutrinário, realizando os propósitos da pregação de um sermão (CORREIA, 2016).

3. *“O Deus que o segura acima da cova do inferno, muito semelhante à pessoa que segura uma aranha ou algum inseto repugnante acima do fogo, o detesta e é horrivelmente provocado. Sua ira por você arde como fogo”* (EDWARDS, 2013, p. 43).

Nesse trecho, Edwards continua se expressando metaforicamente, essa cena representa a supremacia que o ser humano tem sobre os pequenos seres (insetos e aranhas) quando os mesmos os causam males, despertando, assim, a sua ira justificável. Assim, Edwards tenta fundamentar a sua crença de que Deus é um Ser Supremo e Todo poderoso no Universo que se ira com o pecado, que de acordo com a definição de Grudem (1999, p. 403) “é deixar de se conformar a lei moral de Deus, seja em ato, seja em atitude, seja em natureza”. Ou seja, os males cometidos pelos seres humanos contra a sua Santidade e Majestade, que são atributos de Deus apresentados na Bíblia Sagrada dos cristãos.

4. *“Você permanecerá continuamente para esse fim, pois será um vaso de ira provido para destruição, não havendo outro uso para este vaso, senão ser cheio de ira”* (EDWARDS, 2013,



p. 46).

O propósito para a fabricação de um vaso é que ele seja cheio de alguma coisa, ou seja, que o seu espaço interno seja preenchido por algo. Logo, Edwards usa a imagem de um vaso, utensílio conhecido pelos seus ouvintes (leitores), para enfatizar que, caso eles não se arrependam de seus comportamentos pecaminosos, serão continuamente cheios da manifestação da ira de Deus, que, de acordo com a crença de Edwards, seria o fato de não serem mais objetos do amor, misericórdia e bondade de Deus. Para o autor, esses atributos são a causa deles ainda não terem sido visitados pelos flagelos separados para aqueles que andam contrários aos preceitos e mandamentos bíblicos.

No capítulo sobre a vida e contexto histórico de Edwards, podemos constatar que para a sociedade da América colonial nada mais importava do que o estado da sua alma, as pessoas eram ensinadas desde cedo a se preocuparem com isso. Nem um sucesso mundano valeria a pena se o coração de uma pessoa não estivesse em Deus (MARSDEN, 2015). Diante disso, podemos observar como Edwards é incisivo com a sua crença que seu Deus é um Deus irado e um juiz justo que no seu tempo manifestará sua ira santa sobre aqueles que não se arrependerem dos seus pecados, condenando-os ao inferno. Sendo assim, denotamos que o discurso de Edwards não é propriamente autônomo, levando em consideração que, o mesmo como usuário da língua encontra-se em um contexto social, histórico, cultural e politicamente situado, como atesta van Dick (1977 *apud* OLIVEIRA, 2013), dessa forma o discurso resulta da interação entre esses âmbitos.

Continuando na análise das metáforas, segundo a perspectiva lakoffiana (2002, *apud* CORREIA, 2016), nesse trecho, identificamos como domínio fonte “a ira de Deus” em termo do domínio alvo “grande águas” e “inundações de vingança”. Essas metáforas nos dão uma ideia de que a ira de Deus é intensa e destrutiva, visto que, quando se rompe uma grande represa as consequências são devastadoras e impactantes para os envolvidos. Nos trechos seguintes, Edwards continua expressando metaforicamente que, a ira de Deus “arde como fogo”, que Ele “detesta” e tem “repulsa” pelos pecadores, e estes como vasos cheios da ira de Deus estão designados para destruição caso não se arrependam dos seus pecados. Portanto, podemos conceptualizar que “a ira de Deus é devastadora” ou que “a ira de Deus é fogo consumidor”. Ao apresentar Deus como um Deus irado contra o pecado e, conseqüentemente, pelos pecadores impenitentes, Edwards tem como finalidade mostrar que esse atributo se origina do caráter Santo da divindade. Logo, se Deus é santo, conseqüentemente ele não pode compactuar com o comportamento pecaminoso dos seres humanos que fere o seu caráter moral.

### 5.3 Metáforas da percepção da situação do pecador

1. *“A corrupção do coração do homem é imoderada e sem limites em sua fúria, e enquanto os ímpios morarem aqui, é como fogo represado pelas restrições de Deus, ao passo que se fosse deixado solto, incendiaria o curso da natureza. Como o coração é a fossa do pecado, assim, se o pecado não fosse contido, transformaria imediatamente a alma num forno ardente ou numa fornalha de fogo e enxofre”* (EDWARDS, 2013, p. 37).

No trecho acima, Edwards apresenta a sua concepção de que o ser humano tem duas moradas, uma terrena (física) e outra espiritual, visto que ele usa a expressão “enquanto os ímpios morarem aqui”, evidenciando que após a morte eles terão outra morada. Ele argumenta que o homem não consegue exercer todo o seu potencial para o mal (“a corrupção de seu coração”) porque Deus o restringe, caso contrário, a sociedade seria um caos maior. Para representar essa situação de intenso caos, o autor usa a expressão “incendiaria o curso da natureza”. Para representar esse controle restritivo de Deus, metaforicamente, Edwards usa a expressão “o coração é a fossa do pecado”, ou seja, um ambiente em que o pecado é armazenado. Deprendemos de que Edwards usa o coração para simbolizar a fossa do pecado, pois, de acordo com a Bíblia, a motivação para o pecado é originada no âmbito da emoção, representado pelo coração, ou seja, assume-se que as decisões são oriundas do coração no lugar da mente. Dessa forma, o autor mostra a situação de total depravação moral do pecador e que, se não fosse a ação misericordiosa de Deus restringido o seu potencial para exercer tal depravação, a sua alma já estaria entregue a esse ambiente de constante sofrimento que, na concepção de Edwards, é o inferno. Novamente ele utiliza do recurso repetitivo dando ênfase nessa ação restritiva de Deus, para que o pecador se torne consciente da sua condição diante de um Deus santo e que se arrependa da sua condição de impiedade.

2. *“Os homens não-convertidos andam sobre a cova do inferno numa cobertura podre, havendo incontáveis lugares fracos nesta cobertura podre que não suportaram o peso – e tais lugares são invisíveis”* (EDWARDS, 2013, p. 37).

Para o autor, a condição do homem não-convertido a Deus é de total instabilidade e incerteza. No trecho acima, ele usa a expressão metafórica “andam sobre a cova do inferno numa cobertura podre” para mostrar a fragilidade da situação em que se encontram. Para ele, os pecadores a qualquer momento podem vir a perder a sua vida e, conseqüentemente, não terem mais chances de arrependimento e salvação. Por isso, a necessidade da ênfase na fragilidade da superfície em que pisam e a realidade do lugar para onde cairão. Além disso, ele destaca que a cobertura é podre e pode não suportar o peso, isto é, que há grande instabilidade e incerteza com os acontecimentos do futuro, fato este representado pela expressão “tais lugares são

invisíveis”.

**3. “Sua maldade o torna tão pesado como chumbo e com a tendência a ir para baixo com grande impulso e pressão em direção ao inferno”** (EDWARDS, 2013, p. 41).

Edwards ainda intensifica seu discurso acrescentando que, em meio a esta instabilidade como visto no trecho anterior, existe um fator agravante que é o pecado, que, agindo como chumbo, tem a tendência natural de forçá-lo para baixo em direção ao inferno. Essa é a condição de desespero que Edwards quer enfatizar para seus ouvintes (leitores).

**4. “O mundo o vomitaria, não fora pela mão soberana de Deus que o sujeitou em esperança. Há as negras nuvens da ira de Deus pairando diretamente sobre sua cabeça, cheia de tempestade terrível e grande em trovão”** (EDWARDS, 2013, p. 41).

Edwards usa de elementos naturais do cotidiano dos seus ouvintes (leitores) para enfatizar a condição deles diante de um Deus santo e justo. Além disso, ele argumenta que se não fosse a soberania e o agir com misericórdia da parte de Deus, o pecador já estaria fatalmente perdido. Os elementos da natureza conhecidos de seus ouvintes são aqueles que se manifestam durante fenômenos meteorológicos (nuvens negras, trovões e tempestades), os quais são fenômenos comuns na atmosfera terrestre e, que causam insegurança, impotência e medo diante dos mesmos. No entanto, mesmo Deus agindo de misericórdia, eles não podem esperar muito na sua condição de impiedade, pois assim como as tempestades podem ocorrer a qualquer momento e manifestar toda a sua força, Deus pode reter a sua misericórdia e manifestar a sua ira santa sobre eles.

Como se vê nos trechos acima, Edwards continua utilizando as metáforas para expressar esclarecidamente suas percepções, nesse ponto, sobre o pecador. Enfatizando a condição do caráter moral e o destino final deste. Assumindo a perspectiva de Lakoff e Johnson (2002, *apud* CORREIA, 2016), o experiencialismo afirma que, o homem se encontra em um ambiente, e a forma como interage com ele e com outras pessoas é consequência do entendimento que este tem do mundo. Ainda de acordo com esses autores a metáfora acontece na vida cotidiana das pessoas, nos seus pensamentos e ações, e não apenas na língua. Diante disso, Edwards ao utilizar as metáforas como recurso estilístico, nos permite interpretar o quanto que ele queria que o seu público compreendesse, segundo a sua percepção, o quão horrendo era ir para o inferno. O autor aponta que é do coração do homem que brota os males do pecado “a corrupção do coração do homem...”, que nesse caso seria a depravação de hábitos e costumes contra os princípios bíblicos. Ele metaforiza explicitamente que “coração é a fossa do pecado”, nesse aspecto, representando um local de acumulação. Edwards ao utilizar a metáfora ontológica, “sua maldade o torna tão pesado como chumbo”, apresenta aos ouvintes (leitores) a

ideia quantificável da sua maldade, os auxiliando a mensurar as consequências dos seus comportamentos maus.

No entanto, é visível que Edwards utiliza do mesmo recurso metafórico para expressar que Deus restringe essa maldade não permitindo que esta consumisse suas vidas, “(...) é como fogo represado pelas restrições de Deus, ao passo que se fosse deixado solto, incendiaria o curso da natureza”. Similarmente, o autor utiliza da metáfora, “O mundo o vomitaria, não fora pela mão soberana de Deus que o sujeitou em esperança”, apresentando a misericórdia de Deus diante da condição pecadora dos “homens-não convertidos”. Segundo Edwards, há uma esperança e por enquanto, Deus está retendo sua ira dando a oportunidade para aquele que está “fora de Cristo” despertar e se arrepender dos seus maus caminhos, fugindo da ira futura.

Edwards, seguindo o método puritano pregava de forma objetiva e simples, desejando que todos seus ouvintes, fossem eruditos ou não, compreendessem sua mensagem. Para isso, como pudemos ver, a linguagem utilizada por Edwards em seus sermões era repleta de metáforas que ajudavam a criar imagens vívidas e experienciais sobre aquilo que ele pregava, aproximando uma realidade espiritual aos humanos.

O autor transmitiu claramente a percepção puritana, conseqüentemente a sua, de que o inferno é real, é a casa do Diabo e um lugar de tormentos; que a ira de Deus é fogo consumidor e só pela sua misericórdia e graça ainda não manifestou seu juízo sobre os pecadores; que o coração do homem é moralmente perverso e a sua situação espiritual é incerta e frágil se não fosse pela misericórdia e bondade de Deus, que lhes dá a oportunidade de se arrepender dos seus pecados, ele estaria totalmente perdido e condenado ao inferno. Compreendemos que embora pareça que a mensagem de Edwards no sermão *Pecadores nas mãos de um Deus irado* seja uma mensagem cruel e pavorosa, ela também expõe imagens da misericórdia de Deus para com o pecador, apresentando o convite de Cristo para todos os arrependidos.

Posto isto, corroboramos com a perspectiva de Lakoff e Johnson (1980, *apud* VEREZA, 2010) de que a metáfora é uma figura de pensamento, digna de ser estudada não apenas como recurso linguístico, mas especialmente, cognitivo. Na qual contribuí significativamente no campo semântico, antecedendo a retórica. Dessa forma, concordando com Correia (2016), entendemos que as metáforas influenciam no modo como compreendemos e nos expressamos em uma língua, o que explica porque expressões metafóricas são compreendidas sem muita dificuldade e porque são produzidas e empregadas no cotidiano, sem que aja indispensavelmente o propósito de causar um efeito retórico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao desenvolver o estudo deste trabalho foi possível propiciar um diálogo entre duas disciplinas diferentes, a Análise do Discurso (AD) e o estudo da metáfora, isso por causa do princípio da interdisciplinaridade que diz que “todo conhecimento mantém um diálogo permanente com outro conhecimento” (Brasil, 1998, p. 21), sendo assim, compreendemos que a comunicação entre perspectivas diferentes é relevante para serem entendidas na sua totalidade. Sendo assim, o nosso trabalho buscou conectar o conceito de metáfora conceptual ao discurso, concordando com a teoria de Lakoff e Johnson (2002 *apud* Correia, 2016) que diz que as metáforas não estão na linguagem, mas no pensamento inconsciente, de forma que a língua tem apenas a função de evidenciar essas metáforas conceptuais por meio do discurso.

O desenvolvimento teórico do nosso trabalho demonstrou as contribuições dos estudos das metáforas, associado à AD, como um meio para investigar e compreender como Edwards usava desses recursos linguísticos, na qualidade de elementos do discurso no sermão *Pecadores nas mãos de um Deus irado*. A conceptualização que, o papel da língua é evidenciar as metáforas conceptuais por meio do discurso, atribui uma nova semântica em termos de um conceito literal como atesta Lakoff e Johnson (2002 *ibid*), isso explica porque Edwards fez uso constante de tais recursos linguísticos, já que o mesmo engloba temas distintos, a saber, espiritual e material, para fornecer uma compreensão daquilo que não pode ser expresso literalmente, por ter sentido ausente.

Outro ponto a considerar diz respeito ao contexto histórico da época que se encontrava propício para o desfecho impactante da mensagem do sermão objeto do nosso estudo. O avivamento *Great Awakening* repercutia relevantemente por todas as colônias e as pessoas eram confrontadas por suas condutas e despertadas para a real condição espiritual dos seus pastores. Nesse ponto, pudemos constatar como defende Brandão (2012), que “a linguagem enquanto discurso é interação; e um modo de produção social”, sendo assim é necessário estudá-la no contexto da sociedade, visto que os processos que a compõe são histórico-sociais, dos quais os seus usuários produzem discurso.

Por fim, gostaríamos de ressaltar a relevância dos estudos desenvolvidos sobre a metáfora, que ultimamente mostra que seu uso não procede apenas de uma linguagem poética ou retórica, ou seja, não se limita apenas a linguagem literária. Como proposto por Lakoff e Johnson (1980 *apud* VEREZA, 2013) a metáfora está presente na vida cotidiana, na linguagem, pensamento e ação. Sendo uma representação da compreensão que o homem tem do mundo.

Por isso, pudemos observar que os objetivos sugeridos pelo nosso trabalho foram

atingidos, pois diante da nossa análise vimos que Edwards utilizou demasiadamente da metáfora como uma estratégia linguística-discursiva para tornar sua mensagem mais compreensível, na tentativa de convencer os seus ouvintes (leitores) da convicção de suas crenças e percepções da ira de Deus, do inferno e do pecador. Essas, nas quais, são construídas metaforicamente e repetidamente no discurso de Edwards, por meio de elementos do dia-a-dia possibilitando o esclarecimento e construindo sentido de tais percepções.

A STUDY OF THE METAPHORS IN THE SERMON "SINNERS IN THE HANDS OF AN  
IRISH GOD" BY JONATHAN EDWARDS IN THE PERSPECTIVE OF DISCUSSION  
ANALYSIS

**ABSTRACT**

The present work has as general objective to analyze how the metaphor is used by Jonathan Edwards in the sermon "Sinners in the hands of an angry God" and as specific objectives to propose a dialogue between the Discourse Analysis and the study of the metaphor; and to investigate the metaphorical construction of perceptions about the wrath of God, hell, and the sinner. We constitute some excerpts from this sermon as *corpus* of this work. The methodology used was qualitative bibliographical consultation. The authors used in the theoretical basis were, among others, Eni P. Orlandi (2015) and Brandão N. H. (2012) presenting the theory of Discourse Analysis; Gomes (2009) and George Marsden (2015), regarding the historical context of the Colonial period and the life of Edwards and Vereza (2013) and Correia (2016), to which the metaphor refers, in particular, to the studies referring to the Cognitive Theory of Metaphor proposed by Lakoff and Johnson (1980). We have verified that metaphors are used in religious discourse as a linguistic-discursive strategy, provoking the construction of discourse and being able to influence perceptions.

**Keywords:** Discourse Analysis. Sermon. Metaphor. Speech.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, V. L. V. *Sobre a identidade da metáfora literária: uma análise do Romance d'A Pedra do reino e o Príncipe do sangue do vai-e-volta*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- ANGLADA, P. R. B. *Soli Deo Gloria – O Ser e Obras de Deus*. Ananindeua, PA: Knox Publicações, 2007.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. São Paulo: Editora Unicamp, 2012.
- BRASIL, LDB. Lei 9394/96 – *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*.
- CORREIA, R.K.V. *Caridades e seus frutos: Um estudo das metáforas em sermões de Jonathan Edwards*. Monografia (Graduação em Letras – Língua Inglesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2016.
- DANTAS, Aloísio de Medeiros. *Sobressaltos do Discurso – Algumas aproximações da análise do discurso*. CG: EDUFCEG, 2007. Disponível em < [www.portal.mec.gov.br](http://www.portal.mec.gov.br) >. Acesso em: 22 Maio, 2018.
- EDWARDS, Jonathan. *Pecadores nas Mãos de um Deus Irado*. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 2013.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. São Carlos: Claraluz, 2008.
- FERREIRA, M. C. L. *Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso*. Organon, v. 24, n. 48, p. 1-12, 2010.
- FLORES, Onici – *Teorias do texto e do discurso* – Canoas: Ed. ULBRA, 2006.
- GIL, Antônio Carlos - *Como elaborar projetos de pesquisa*. - São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES, A. S. *Literatura norte-americana*. Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2009.
- GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática Atual e Exhaustiva*. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- JONES, D.M.L. *Pregação e Pregadores*. São Paulo: Fiel, 2011.
- MARSDEN, George M. *A breve vida de Jonathan Edwards* – São José dos Campos, SP: Fiel 2015.
- MOREIRA, R. F. *Alguns aspectos sobre as metáforas de Lakoff e Johnson*. Saberes Interdisciplinares, v. 4, n. 7, p. 126-136, 2017.

MURRAY, Iain H. *Jonathan Edwards: uma nova biografia* – São Paulo: PES – Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2015.

MUSSALIM, Fernanda. *Introdução a linguística: domínios e fronteiras* – São Paulo: Cortez, 2001.

OLIVEIRA, L. A. *Estudos do discurso: perspectivas teóricas* – São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

ORLANDI, Eni P. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos* – Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PACKER, J.I. *Entre os gigantes de Deus: Uma visão puritana da vida cristã*. São José dos Campos, SP: Fiel. 2016.

PIPER, J.; TAYLOR J. *Fascinado pela glória de Deus: o legado de Jonathan Edwards*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

REZENDE, T. C. R.; BOURJAILE, L.; MIRANDA, J.; BORGES V. *Metáfora: uma ponte entre o cotidiano e a sala de aula*. *Linguagem – Revista Eletrônica de Popularização Científica em Ciências da Linguagem*, v. 17, p. 1-11, 2010.

STREY, C. *Metáfora e Cognição: uma Conversa entre Lakoff e Sperber&Wilson*. V Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação – Faculdade de Letras. Ed. PUCRS, 2010.

VANSPANCKREN, K. *Literatura Americana. Estados Unidos*: Departamento de Estado dos Estados Unidos da América, 1994.P. 1-15.

VEREZA, S. “*Metáfora é que nem...*”: *cognição e discurso na metáfora situada*. *Signo*, v. 38, n. 65, p. 2-21, 2013.

VEREZA, S. *O locus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso*. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição no 41*, p. 199-212, 2010



## ANEXO

*Sermão 2<sup>o</sup>*

*Pecadores nas Mãos  
de um Deus Trado*

Deuteronômio 32.35

*Ao tempo em que resvalar o seu pé.*

**N**este versículo, a vingança de Deus é ameaçada aos israelitas incrédulos e ímpios, que eram o povo visível de Deus e que viviam debaixo da graça, mas que, apesar de todas as obras maravilhosas de Deus feitas ao seu favor, permaneceram sem conselho (cf. Dt 32.28), não tendo entendimento delas. Sob os cuidados do refinamento do céu, eles deram fruto amargo e venenoso, como revelam os dois versículos que imediatamente precedem o texto. A expressão que escolhi para o meu texto, “ao tempo em que resvalar o seu pé”, tem as seguintes implicações relativas ao castigo e destruição aos quais estes israelitas estavam expostos.

1. Implica que os israelitas sempre estavam expostos à destruição, assim como alguém que está ou anda em lugares escorregadios sempre está exposto a cair. Esta idéia está implícita na maneira da destruição que lhes sobreveio e que está representada pelo pé escorregadio. O mesmo é expresso em Salmos 73.18: “Certamente, tu os puseste em lugares escorregadios; tu os lanças em destruição”.

2. Implica que os israelitas sempre estavam expostos à destruição inesperada e súbita. Assim como aquele que anda em lugares es-

*Pecadores nas Mãos de um Deus Irado — Dois Sermões*

corregadios está a todo momento sujeito a cair, pois não pode prever se no momento permanecerá de pé ou se cairá; e quando cair, cairá de uma vez, sem aviso. “Certamente, tu os puseste em lugares escorregadios; tu os lanças em destruição. Como caem na desolação, quase num momento!” (Sl 73.18,19).

3. Outra coisa que está implícita é que eles estão sujeitos a cair *sozinhos* sem serem lançados pela mão de outrem, assim como aquele que está ou anda em solo escorregadio não precisa de nada mais que o próprio peso para atirá-lo ao chão.

4. Implica que a razão pela qual os israelitas ainda não caíram é somente por que não chegou o tempo designado por Deus. Pois está escrito que quando chegar o tempo devido ou designado, *seus pés escorregarão*. Então, será permitido que eles caiam, assim como estão propensos pelo seu próprio peso. Deus não mais os sustentará nesses lugares escorregadios, mas os deixará, e naquele exato momento, eles cairão em destruição, assim como aquele que está em semelhante lugar escorregadio, na beira de uma cova, não pode ficar sozinho, mas, quando é deixado, cai imediatamente e se perde.

A observação das palavras sobre as quais me deterei é esta: “Não há nada que mantenha os ímpios um momento sequer fora do inferno, a não ser pela mera vontade de Deus”. Pela *mera* vontade de Deus, quero dizer, sua vontade *soberana*, sua vontade arbitrária, não controlada por obrigação, não impedida por dificuldade, como se nada mais senão a mera vontade de Deus obtida em último grau ou em qualquer aspecto tivesse participação por um momento na preservação dos ímpios. A verdade desta observação se mostra pelas seguintes considerações.

1. Não há falta de poder em Deus para a qualquer momento, lançar os homens ao inferno. As mãos dos homens não podem ser fortes quando Deus se levanta! Os mais fortes não têm poder para lhe resistir, nem podem se livrar de suas mãos. Ele não só é capaz de lançar os ímpios ao inferno, como pode fazê-lo sem esforço. Às

*Pecadores nas Mãos de um Deus Irado*

vezes um príncipe tem muita dificuldade em subjugar um rebelde que encontrou meios para se fortalecer e se tornar poderoso pela quantidade de seguidores. Mas não é assim para com Deus. Não há fortaleza que sirva de defesa contra o poder de Deus. Embora mãos se unam a mãos de vastas multidões dos inimigos de Deus que se combinem e se associem, serão facilmente feitos em pedaços. São como grandes montões de palha dispersos por vendaval, ou grande quantidade de restolho seco diante de chamas vorazes. Achamos fácil pisar e esmagar um verme que vemos rastejando no chão; do mesmo modo é fácil cortarmos ou chamuscarmos uma linha fina pela qual algo se dependura; assim é fácil para Deus, quando lhe apraz, lançar os inimigos ao inferno. Quem somos nós, que pensaríamos permanecer diante dEle, cuja terra treme a sua repreensão e diante de quem as pedras são demolidas?

2. Os ímpios *merecem* ser lançados no inferno, de forma que a justiça divina nunca permanece no caminho; Deus não faz objeção contra, a qualquer momento, a usar o seu poder para os destruir. Pelo contrário, a justiça clama em voz alta por um castigo infinito dos pecados. Diz a justiça divina sobre a árvore que produz tais uvas de Sodoma: “Corta-a. Por que ela ocupa ainda a terra inutilmente?” (Lc 13.7). A espada da justiça divina é brandida a todo momento sobre as cabeças dos ímpios, e não é nada senão a mão da misericórdia arbitrária e a mera vontade de Deus que a segura.

3. Os ímpios já estão sob sentença de *condenação* no inferno. Eles não apenas merecem ser lançados ali, mas a sentença da lei de Deus, a eterna e imutável norma de justiça que Deus fixou entre Ele e o gênero humano, é que se levanta contra eles, de forma que já estão destinados ao inferno: “Quem crê nele não é condenado” (Jo 3.18). De maneira que todo homem não-convertido pertence apropriadamente ao inferno e para lá ele está destinado a ir; é o lugar que a justiça, a palavra de Deus e a sentença da sua lei inalterável, o designaram.

*Pecadores nas Mãos de um Deus Irado — Dois Sermões*

4. Os ímpios são objetos dessa mesma *raiva* e ira de Deus expressas nos tormentos do inferno. E a razão pela qual eles não são lançados ao inferno neste momento não é porque Deus — a cujo poder eles se submetem — não esteja muito irado com eles, como Ele está com as criaturas miseráveis atormentadas no inferno, as quais estão lá sentindo e sofrendo a ferocidade da sua ira. Deus está excessivamente mais irado com muitos que hoje estão na terra — sem dúvida com muitos que hoje estão nesta congregação, que podem estar tranqüilos —, muito mais do que está com muitos que agora estão nas chamas do inferno. Não é porque Deus não se lembre da maldade deles e não se ressinta dela, que não solta a mão e os extirpa. Deus não é de um modo geral como eles, embora imaginem que sejam. A ira de Deus arde contra eles, a condenação não dorme, o inferno está preparado, o fogo está pronto, a fornalha está quente para os receber, as chamas ardem e reluzem. A espada resplandecente está afiada e paira sobre eles, e o inferno abriu a boca sob eles.

5. O *Diabo* está pronto para se lançar sobre eles e agarrá-los como algo que lhe pertence no momento em que Deus o permitir. Eles lhe pertencem, têm as almas em sua posse e estão debaixo do seu domínio. A Escritura retrata que são bens dele. Os demônios os observam, sempre estão junto deles, à mão direita, esperando por eles como ávidos leões famintos que vêem a presa e esperam possuí-la, mas que por um momento são mantidos afastados. Se Deus retirasse a mão pela qual eles são contidos, num momento eles voariam sobre as pobres almas. A antiga serpente escancara a boca para eles, o inferno abre a boca larga para os receber e, se Deus o permitisse, eles imediatamente seriam tragados e perdidos.

6. Há na alma dos ímpios esses princípios infernais e reinantes, que logo se acenderiam e se inflamariam pelo fogo do inferno se não fosse pela restrição de Deus. Há posto na natureza dos homens carnis um fundamento para os tormentos do inferno. Existem esses princípios corruptos em poder reinante sobre eles e em

*Pecadores nas Mãos de um Deus Irado*

plena possessão deles, que são sementes do fogo do inferno. Estes princípios são ativos e poderosos, excedendo em violência em sua natureza, e se não fosse a mão contentora de Deus, tais princípios logo se manifestariam, arderiam segundo as mesmas corrupções, a mesma inimizade, no coração das almas condenadas no inferno e produziriam os mesmos tormentos como produzem neles. Na Escritura, a alma do ímpio é comparada “ao mar bravo” (Is 57.20). Atualmente, Deus contém a maldade deles pelo seu poder grandioso, como Ele faz com as ondas furiosas do mar bravo, dizendo: “Até aqui irás e não passarás”. Mas se Deus retirasse esse poder contentor, tal mar levaria tudo o que estivesse pela frente. O pecado é a ruína e miséria da alma, é destrutiva por natureza, e se Deus o deixasse sem restrição, nada mais seria necessário para tornar a alma totalmente miserável. A corrupção do coração do homem é imoderada e sem limites em sua fúria, e enquanto os ímpios morarem aqui, é como fogo represado pelas restrições de Deus, ao passo que se fosse deixado solto, incendiaria o curso da natureza. Como o coração é a fossa do pecado, assim, se o pecado não fosse contido, transformaria imediatamente a alma num forno ardente ou numa fornalha de fogo e enxofre.

7. Nem por um momento há segurança para os ímpios, pois não há meio visível de morte ao alcance. Não há segurança para o homem natural, que hoje tem saúde e não vê por qual meio deveria agora sair imediatamente do mundo através de qualquer acidente, não havendo perigo visível sob qualquer aspecto em suas circunstâncias. A múltipla e ininterrupta experiência do mundo em todos os séculos mostram que esta não é evidência de que o homem não está na beira da eternidade e que o próximo passo não será no outro mundo. A invisível e não premeditada forma das pessoas saírem do mundo são inumeráveis e inconcebíveis. Os homens não-convertidos andam sobre a cova do inferno numa cobertura podre, havendo incontáveis lugares fracos nesta cobertura que não suportarão o peso — e tais lugares não são visíveis.

*Pecadores nas Mãos de um Deus Irado — Dois Sermões*

As setas da morte voam invisíveis ao meio-dia; a visão mais aguçada não as pode discernir. Deus tem tantas maneiras inescrutáveis e diferentes de tirar os ímpios do mundo e de os enviar ao inferno que não há nada que indique que Deus tenha necessidade de estar às custas de um milagre, ou de sair do curso ordinário da sua providência para, a qualquer momento, destruir o ímpio. Todos os meios que há para os pecadores saírem do mundo estão nas mãos de Deus e estão de tal maneira universal e absolutamente sujeitos ao seu poder e determinação que não dependem nem da mera vontade de Deus se os pecadores vão a qualquer momento para o inferno, mais do que se nunca fossem usados ou estivessem relacionados com o caso.

8. A prudência e cuidado dos homens naturais em preservar a própria vida, ou cuidar dos outros para os preservar, não lhes garante um momento sequer. Para isso, a providência divina e a experiência universal também dão testemunho. Há a evidência clara de que a própria sabedoria dos homens não é garantia de livramento da morte. Se fosse, veríamos a diferença entre os sábios e prudentes do mundo, e os outros com respeito à propensão à morte prematura e inesperada. Mas como é de fato? “E como morre o sábio, assim morre o tolo!” (Ec 2.16).

9. Os esforços e maquinações que todos os ímpios usam para escapar do inferno, enquanto continuam rejeitando a Cristo e, assim, permanecem ímpios, nem por um momento os livra do inferno. Quase todo homem natural que ouve falar do inferno exalta-se de que escapará dele. Ele depende de si para segurança própria. Ele se gloria no que faz, ou no que pretende fazer. Toda pessoa projeta meios na mente sobre como evitar a condenação ao inferno, se gaba de ter maquinado bem para si e que suas manobras não falharão. Eles ouvem, de fato, que há poucos que se salvam e que a maioria dos homens que morreram antes foi para o inferno. Mas cada um imagina que dispõe de melhores meios para a própria fuga do que os outros. Ele não pretende ir àquele lugar de tor-

*Pecadores nas Mãos de um Deus Irado*

mento. Ele fala para ele mesmo que pretende ser eficiente em seus cuidados e engendrar meios para não fracassar.

Mas os tolos filhos dos homens se iludem miseravelmente em seus esquemas e na confiança da própria força e sabedoria. Andam confiando em nada mais que sombra. Muitos daqueles que antes viviam por meio da graça e que hoje estão mortos, foram indubitavelmente para o inferno — não porque eles não eram tão sábios quanto os que agora vivem, não porque eles não projetaram meios para garantir a própria fuga. Se pudéssemos falar com eles e lhes perguntar, um por um, se eles algum dia esperavam, quando vivos que ouviam falar do inferno, ser objetos dessa miséria, nós, sem dúvida, ouviríamos uma resposta mais ou menos assim: “Não, nunca quis vir para cá. Tinha engendrado muitas outras maneiras em minha mente de me livrar disso. Pensei que tinha planejado bem. Pensei que meu esquema fosse bom. Pretendi ser eficiente em meu cuidado, mas me sobreveio inesperadamente. Não olhei para esta situação naquela época e dessa maneira. Veio como ladrão. A morte me burlou. A ira de Deus foi muito rápida para mim. Maldita tolice a minha! Eu me gabava e me iludia com sonhos vãos do que faria no outro mundo. Enquanto eu falava: Paz e segurança, me sobreveio súbita destruição”.

10. Deus se sujeitou a si mesmo *sem obrigação*, sob qualquer promessa, manter o homem natural fora do inferno por um momento. Deus seguramente não fez promessa de vida eterna, ou de libertação, ou de preservação da morte eterna, mas o que está contido no concerto da graça, as promessas que foram dadas em Cristo, em cujas promessas são baseadas em sim e amém. Mas certamente eles não têm interesse nas promessas do concerto da graça, pois não são filhos do concerto, não crêem em nenhuma das promessas e não se interessam pelo Mediador do concerto.

De forma que por mais que alguns imaginem e projetem acerca das promessas feitas aos homens naturais que buscam e interpe-



*Pecadores nas Mãos de um Deus Irado — Dois Sermões*

lam seriamente, está claro e manifesto que todo o esforço que o homem natural faz em religião e por mais que toda a oração que se faça até que se que creia em Cristo, não está de forma alguma sob a obrigação de Deus guardá-lo da destruição eterna.

De maneira que é assim que os homens naturais são segurados na mão de Deus acima da cova do inferno. Eles mereceram o inferno incandescente e já estão sentenciados. Deus é horrivelmente provocado. Sua ira contra eles é tão grande quanto os que de fato sofrem a execução da ferocidade de sua ira no inferno, e eles não fizeram nada para pelo menos aplacar ou enfraquecer essa ira, nem está Deus no mínimo sujeito por promessa, guardá-los um momento sequer. O Diabo espera por eles, o inferno escancara a boca para eles, as chamas se juntam e flamejam sobre eles e de bom grado os agarram e os engolfam. O fogo contido nos seus corações se debate para incandescer. Eles não têm interesse em um Mediador, não há meios ao alcance que lhes possa servir de segurança. Em suma, eles não têm refúgio, nada a que se agarrar. Tudo que os preserva a cada momento é a mera vontade arbitrária e a misericórdia não obrigatória e não ligada ao concerto de um Deus irado.

---

### APLICAÇÃO

A aplicação deste assunto medonho serve para despertar as pessoas não-convertidas desta congregação. O que você ouviu é a situação de todo aquele que está fora de Cristo. Esse mundo de miséria, esse lago de enxofre ardente está estendido amplamente sob você. Há o terrível inferno de chamas ardentes da ira de Deus. Há a boca abertamente escancarada do inferno. Você não

*Pecadores nas Mãos de um Deus Irado*

tem nada sobre que se firmar, nem algo a que se agarrar. Não há nada entre você e o inferno, exceto o ar. É somente o poder e a mera vontade de Deus que o segura.

Você provavelmente não sente. Você descobre que é mantido do lado de fora do inferno, mas não vê a mão de Deus nisso. Você olha outras coisas, para o bom estado de sua constituição física, o cuidado de sua vida e os meios que você usa para a preservação própria. Mas na realidade estas coisas não são nada. Se Deus retirasse a mão, tais coisas não seriam de nenhuma valia para o impedir de cair mais do que o ar tênue que sustenta a pessoa que fica suspensa nele.

Sua maldade o torna tão pesado como o chumbo e com a tendência a ir para baixo com grande impulso e pressão em direção ao inferno. Se Deus o deixasse, você imediatamente afundaria e rapidamente desceria e mergulharia no golfo sem fundo. Sua constituição saudável, o seu cuidado e prudência, a melhor maquinação e toda a sua justiça não teriam mais influência para o sustentar e o manter do lado de fora do inferno do que teria uma teia de aranha para deter uma pedra que cai. Não fora pelo prazer soberano de Deus, a terra não o suportaria por um momento, pois você é um fardo. A criação geme com você. A criatura está sujeita espontaneamente à escravidão da corrupção. O sol não brilha de boa vontade sobre você para lhe dar luz, a fim de você servir o pecado e Satanás. Não é de boa vontade que a terra produz sua safra para você satisfazer suas concupiscências e ser o palco para sua maldade a ser representada. O ar não o serve de boa vontade de respiração para manter a chama da vida em seus órgãos vitais, enquanto você gasta a vida a serviço dos inimigos de Deus. As criaturas de Deus são boas e foram feitas para que os homens o servissem, e não prontamente para servirem de outro propósito e gemerem quando são tratados para finalidade tão diretamente contrários à sua natureza e fim. O mundo o vomitaria, não fora pela mão soberana de Deus que o sujeitou em esperança. Há as negras nuvens da ira de Deus

*Pecadores nas Mãos de um Deus Irado — Dois Sermões*

pairando diretamente sobre sua cabeça, cheias de tempestade terrível e grandes em trovão. Não fora pela mão contentora de Deus, elas estourariam imediatamente sobre você. O prazer soberano de Deus, para o presente, está no seu vento tempestuoso, caso contrário viria com fúria, a destruição viria como vendaval e você seria como a palha da eira de verão.

A ira de Deus é como grandes águas que por enquanto estão represadas. Elas aumentam cada vez mais e sobem cada vez mais até que haja um escoadouro. Quanto mais tempo o fluxo for detido, mais veloz e poderoso será seu curso quando for solto de uma vez. É verdade que o julgamento contra suas más obras até hoje não foi executado. As inundações da vingança de Deus foram retidas, mas sua culpa no tempo médio está aumentando de modo constante e você está diariamente entesourando mais ira. As águas estão permanentemente subindo e se avolumando cada vez mais em força. Não há nada mais que a mera vontade de Deus que segura as águas que estão pouco dispostas a serem detidas e pressionam implacavelmente para ir adiante. Se Deus tão somente retirasse a mão da comporta do dique, imediatamente as águas jorrariam, as inundações furiosas da ferocidade e ira de Deus avançariam com fúria inconcebível e viriam sobre você com poder onipotente. Se sua força fosse dez mil vezes maior do que é, sim, dez mil vezes maior que a força do demônio mais robusto e mais intrépido do inferno, não haveria nada que a resistisse ou a suportasse.

O arco da ira de Deus está retesado e a seta se ajusta à corda. A justiça direciona a seta no seu coração e entesa o arco, e não é nada mais que o mero prazer de Deus, de um Deus irado, sem promessa ou obrigação, que impede a seta de num momento ficar encharcada com o seu sangue. Assim, todos vocês que nunca tiveram grande mudança de coração pelo poder grandioso do Espírito de Deus em suas almas, que nunca nasceram de novo e nunca foram feitas novas criaturas e ressuscitaram dos mortos no pecado

*Pecadores nas Mãos de um Deus Irado*

para um estado de nova luz e vida nunca antes completamente experimentadas, estão nas mãos de um Deus irado. Ainda que você tenha reformado a vida em muitas coisas, tenha tido afetos religiosos e guardado uma forma de religião em sua família, e na casa de Deus, não é nada mais que a mera vontade de Deus que o impede de ser, neste momento, tragado pela destruição perpétua. Ainda que você não esteja convencido da verdade que ouve, logo ficará convencido completamente dela. Os que se foram e estavam em circunstâncias iguais a você vêem que foi assim que aconteceu com eles, pois a destruição veio de repente sobre a maioria deles. Quando não esperavam nada disso e diziam: Paz e segurança, agora eles vêem que essas coisas das quais eles dependiam para ter paz e segurança eram nada mais que ar tênue e sombras vazias.

O Deus que o segura acima da cova do inferno, muito semelhante à pessoa que segura uma aranha ou algum inseto repugnante acima do fogo, o detesta e é horrivelmente provocado. Sua ira por você arde como fogo. Ele olha você como merecedor de nada mais que ser lançado ao fogo. Ele é de olhos puríssimos para ter de suportá-lo em seu campo de visão. Você é dez mil vezes mais abominável aos seus olhos que a serpente venenosa mais odiosa aos nossos. Você o ofendeu infinitamente mais que um rebelde teimoso já tenha ofendido um príncipe. Contudo, não é nada mais que sua mão que o impede de cair no fogo a todo o momento. A nada mais que isso deve ser atribuído o fato de você não ter ido para o inferno ontem à noite, de ter acordado outra vez neste mundo depois de ter fechado os olhos para dormir. Não há outra razão a ser dada por que você não caiu no inferno desde que se levantou de manhã, senão a mão de Deus que o sustentou. Não há outra razão a ser dada por que você não foi para o inferno, visto que você se sentou aqui na casa de Deus e provocou seus olhos puros pela maneira má e pecadora de assistir a esta adoração solene. Nada mais será apresentado como razão por que você neste exato momento não cai no inferno.

*Pecadores nas Mãos de um Deus Irado — Dois Sermões*

Ó pecador! Considere o perigo tremendo em que você está. É uma grande fornalha de ira, uma cova larga e sem fundo, cheia do fogo da ira sobre a qual você é segurado na mão desse Deus cuja ira é provocada e incensada tanto contra você como contra muitos dos condenados no inferno. Você está pendurado por uma linha fina, com as chamas da ira divina flamejando ao redor e prontas para a cada momento chamuscá-lo e queimá-lo em partes. Você não se interessa por um Mediador, por nada a que se agarrar para se salvar, nada para evitar as chamas da ira, pois não há nada de seu, nada que você já tenha feito, nada que possa fazer para induzir Deus a poupá-lo por um momento sequer. Considere mais particularmente estes itens.

1. De quem é a ira: A ira é do Deus infinito. Se fosse só a ira do homem, ainda que fosse do príncipe mais potente, seria comparativamente pequena. A ira dos reis é muito tremenda, sobretudo de monarcas absolutos que têm as posses e vidas dos seus súditos inteiramente em seu poder a seu dispor e vontade: “Como o bramido do leão é o terror do rei; o que provoca a sua ira peca contra a sua própria alma” (Pv 20.2). O súdito que muito enfurece um príncipe arbitrário está sujeito a sofrer os tormentos mais extremos que a astúcia humana pode engendrar ou o poder humano infligir. Mas os maiores potentados da terra, em sua extrema majestade e força, e quando revestidos de seus mais sublimes terrores, são apenas vermes de pó fracos e desprezíveis em comparação ao grande e Todo-Poderoso Criador e Rei do céu e da terra. Mas é pouco o que podem fazer, quando muito enfurecidos e quando mostram o extremo da fúria. Todos os reis da terra, perante Deus, são como gafanhotos; eles não são nada e menos que nada — tanto o seu amor como o seu ódio será menosprezado. A ira do grande Rei dos reis é muito mais terrível que a deles, assim como sua majestade é maior: “E digo-vos, amigos meus: não temais os que matam o corpo e depois não têm mais o que fazer. Mas eu vos mostrarei a quem deveis temer:

*Pecadores nas Mãos de um Deus Irado*

temei aquele que, depois de matar, tem poder para lançar no inferno; sim, vos digo, a esse temei” (Lc 12.4,5).

2. É a ferocidade de sua ira a qual você é exposto. Lemos muitas vezes sobre a ira de Deus, como em Isaías 59.18: “Conforme forem as obras deles, assim será a sua retribuição; furor, aos seus adversários”; e em Isaías 66.15: “Porque eis que o SENHOR virá em fogo; e os seus carros, como um torvelinho, para tornar a sua ira em furor e a sua repreensão, em chamas de fogo”; e em muitos outros lugares. Em Apocalipse 19.15, lemos sobre “o lugar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-poderoso”. As palavras são excessivamente terríveis. Se apenas fosse dito “a ira de Deus”, tais palavras já teriam implicado aquilo que é infinitamente terrível, mas é “o furor e a ira de Deus”. O furor de Deus! A ferocidade de Jeová! Quão terrível deve ser isso! Quem pode dizer ou conceber o que tais expressões carregam em si? Mas também é “o furor e a ira do Deus *Todo-poderoso*” (grifo meu). Como se houvesse grande manifestação do seu poder naquilo que a ferocidade da sua ira infligisse; como se a onipotência estivesse tão enfurecida e manifesta como os homens habitualmente estão, para mostrar a força na ferocidade da sua ira. Qual será a consequência? O que será do pobre verme que a sofrerá, cujas mãos podem ser fortes e cujo coração pode suportar? A que profundidade terrível, inexprimível e inconcebível de miséria a pobre criatura tem de afundar, a qual será objeto disso tudo!

Você que está aqui, que ainda permanece no estado de não-regeneração, considere que o fato de Deus executar a ferocidade da sua ira implica em que Ele infligirá a ira sem piedade. Quando Deus olhar para a extremidade infável do seu caso, ver que seu tormento será tão imensamente desproporcional à sua força, ver como sua pobre alma é esmagada e cai gradativamente como em obscuridade infinita, Ele não terá compaixão de você, Ele não reprimirá a execução da sua ira ou pelo menos aliviará a mão. Não haverá moderação ou misericórdia, nem Deus afrouxará seu ven-

*Pecadores nas Mãos de um Deus Irado — Dois Sermões*

to tempestuoso. Ele não terá consideração por seu bem-estar, nem será cuidadoso para que você não sofra muito em outro sentido senão somente naquele que você *não sofra além do que a rígida justiça requer*. Nada será retido por ser muito difícil de você suportar: “Pelo que também eu procederei com furor; o meu olho não poupará, nem terei piedade; ainda que me gritem aos ouvidos com grande voz, eu não os ouvirei” (Ez 8.18). Hoje Deus está pronto para ter pena de você. Este é o dia da misericórdia. Hoje você pode clamar com pouco ânimo para obter misericórdia. Mas assim que o dia da misericórdia passar, seus mais lamentáveis e dolorosos clamores e gritos agudos serão todos em vão. Você estará completamente perdido e será lançado da presença de Deus, sem consideração por seu bem-estar. Deus não terá outra finalidade para você, senão sofrer a miséria. Você permanecerá continuamente para esse fim, pois será um vaso de ira provido para a destruição, não havendo outro uso para este vaso, senão ser cheio de ira. Deus estará tão longe de ter pena de você quando você clamar a Ele, que está escrito que Ele só rirá e zombará de você (Pv 1.25,26).

Que terríveis são estas palavras, que são as palavras do grande Deus: “E os pisei na minha ira e os esmaguei no meu furor; e o seu sangue salpicou as minhas vestes, e manchei toda a minha vestidura” (Is 63.3). Talvez seja impossível conceber palavras que tragam em si maiores manifestações que estas três coisas, quais sejam, desprezo, ódio e ferocidade de indignação. Se você clamar a Deus para ter pena de você, Ele estará bem longe de ter pena de você em seu caso doloroso ou lhe mostrará a menor consideração ou favor. Em vez de consideração ou favor, Ele só o pisará sob os pés. Embora Ele saiba que você não pode agüentar o peso da onipotência que o pisa, não levará isso em conta, pois Ele o esmagará debaixo dos pés sem misericórdia. Ele esmagará seu sangue, fazendo-o jorrar, ação que lhe borrifará as vestes e lhe manchará toda a vestimenta. Ele não só o odiará, mas o terá em desprezo extremo.

*Pecadores nas Mãos de um Deus Irado*

Não haverá lugar julgado adequado para você, senão debaixo dos pés dEle para ser pisado como o lodo das ruas.

3. A miséria à qual você está exposto, é a que Deus infligirá para tal propósito, a fim de que Ele manifeste qual é a ira de Jeová. Deus o tinha em seu coração para mostrar a anjos e homens quão excelente é o seu amor e quão terrível é a sua ira. Às vezes os reis terrenos tinham vontade de mostrar quão terrível era a ira que possuíam através dos castigos extremos que executavam nas pessoas que os provocavam. Nabucodonosor, monarca poderoso e ávido do império caldeu, estava disposto a mostrar sua ira quando se enfureceu com Sadraque, Mesaque e Abede-Nego. Consequentemente, deu ordens para que a flamejante fornalha ardente fosse aquecida sete vezes mais. Não há como duvidar que foi elevada ao seu grau extremo de ferocidade que a capacidade humana podia elevar. Mas o grande Deus também está propenso a mostrar sua ira e magnificar sua majestade terrível e poder grandioso nos sofrimentos extremos dos seus inimigos: "E que direis se Deus, querendo mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita paciência os vasos da ira, preparados para perdição" (Rm 9.22). Vendo que este é seu desígnio e que Ele determinou até mostrar quão terríveis são a ira desenfreada, a fúria e a ferocidade de Jeová, Ele a colocará em execução. Haverá algo realizado e feito que será terrível com uma testemunha. Quando o grande e irado Deus tiver se levantado e executado sua vingança medonha sobre o pobre pecador, e o miserável estiver sofrendo o peso e poder infinito de sua indignação, então Deus chamará o universo inteiro para ver essa majestade terrível e poder grandioso: "E os povos serão como os incêndios de cal, como espinhos cortados arderão no fogo. Ouvi, vós os que estais longe, o que tenho feito; e vós que estais vizinhos, conheci o meu poder. Os pecadores de Sião se assombraram, o tremor surpreendeu os hipócritas. Quem dentre nós habitará com o fogo consumidor? Quem dentre nós habitará com as labaredas eternas?" (Is 33.12-14).



*Pecadores nas Mãos de um Deus Irado — Dois Sermões*

Assim sucederá com você que é um não-convertido, se continuar desta forma. O poder infinito, a majestade e a terribilidade do Deus Onipotente serão magnificados em você, na força inefável dos tormentos. Você será atormentado na presença dos anjos santos e na presença do Cordeiro. Quando você estiver nesse estado de sofrimento, os habitantes gloriosos do céu se apresentarão e olharão o espetáculo terrível para que possam ver a ira e a ferocidade do Todo-Poderoso. Quando o virem, eles cairão e adorarão esse grande poder e majestade: “E será que, desde uma Festa da Lua Nova até à outra e desde um sábado até ao outro, virá toda a carne a adorar perante mim, diz o SENHOR. E sairão e verão os corpos mortos dos homens que prevaricaram contra mim; porque o seu verme nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará; e serão um horror para toda a carne” (Is 66.23,24).

4. É ira perpetua. Seria terrível sofrer esta ferocidade e ira do Deus Todo-poderoso por um momento, mas você a terá de sofrer por toda a eternidade. Não haverá fim para esta miséria horrível e intensa. Quando você olha para frente, verá uma longa eternidade, uma duração ilimitada diante de você, que tragará seus pensamentos e pasmará sua alma. Você se desesperará por jamais ter libertação, fim, mitigação, descanso. Você saberá que tem de gastar longas eras, milhões de milhões de eras, em luta e em conflito com esta vingança impiedosa e todo-poderosa. Então, quando tantas eras tiverem passado por você, desta maneira, você saberá que tudo é senão um ponto para o que ainda resta. De forma que seu castigo realmente será infinito. Quem pode expressar qual é o estado da alma em tais circunstâncias? Tudo que podemos dizer sobre isso nos dá senão uma representação muito fraca.

É inexprimível e inconcebível, pois “quem conhece o poder da [ira de Deus]?” (Sl 90.11).

Quão terrível é a condição dos que estão diariamente e a toda hora em perigo desta grande ira e miséria infinita! Mas este é o

*Pecadores nas Mãos de um Deus Irado*

caso lúgubre de todo indivíduo nesta congregação que não nasceu de novo, pouco importando quão moral e rígido, sóbrio e religioso, ele seja. Oh, se você pudesse considerar isso, quer seja jovem ou velho! Há razão para pensar que há muitos que estão nesta congregação, ouvindo este discurso, que serão objetos desta mesma miséria por toda a eternidade. Não sabemos quem são, ou em que assentos estão, ou que pensamentos estão tendo agora. Pode ser que agora estejam tranqüilos, ouvindo todas estas palavras sem muita perturbação, gabando-se de que não são eles tais indivíduos e prometendo para si mesmos que escaparão. Se soubéssemos que houvesse um só indivíduo, em toda a congregação que seria objeto desta miséria, quão terrível coisa seria pensar! Se soubéssemos quem era, que visão terrível seria ver tal pessoa! Como seria grandioso ver todos os demais da congregação elevar um clamor lamentável e amargo sobre tal indivíduo! Mas, meu Deus!, em vez de um, quantos se lembrarão deste discurso no inferno! Não seria de admirar se alguns dos que estão aqui não venham a estar no inferno em muito pouco tempo, antes mesmo que este ano acabe. Não seria de admirar se algumas pessoas que hoje se sentam aqui nos assentos desta casa de reunião, com saúde, tranqüilos e seguros, venham a estar lá antes da manhã seguinte. Essas pessoas que enfim continuam em condição natural, que poderiam ficar fora e mais longe do inferno, estarão lá em pouco tempo! Sua condenação não dorme. Virá rapidamente e com toda a probabilidade, muito de repente, em muitos de vocês. Você tem razão em desejar saber por que já não está no inferno. Este é o caso de alguns indivíduos que vocês viram e conheceram, que nunca mereceram o inferno mais que você e que, antes, pareceram ter mais probabilidade de hoje estarem vivos que você. O caso deles não tem esperança. Eles estão chorando em miséria extrema e total desespero. Mas aqui você está na terra dos vivos e na casa de Deus, tendo a oportunidade de obter a salvação. O que essas pobres almas condenadas e desesperadas não dariam hoje pela oportunidade de ter um dia como este que você desfruta!

*Pecadores nas Mãos de um Deus Irado — Dois Sermões*

Hoje você tem a oportunidade extraordinária, o dia no qual Cristo abriu escancaradamente a porta da misericórdia, chamando e chorando em voz alta pelos pobres pecadores. O dia em que muitos se reúnem a Ele e fazem força para entrar no Reino de Deus. Muitos estão vindo diariamente do Leste, Oeste, Norte e Sul. Muitos que estavam na mesma condição miserável que você está hoje, agora estão num estado feliz, com o coração cheio de amor por Ele que os amou e os lavou dos pecados no seu sangue, regozijando-se na esperança da glória de Deus. Quão terrível será ser deixado para trás em tal dia! Ver tantos outros festejando, enquanto você está lamuriando e perecendo! Ver tantos se alegrando e cantando de coração, enquanto você tem motivo para se lamentar de tristeza de coração e uivar de vexação de espírito! Como você pode descansar um momento sequer em tal condição? Sua alma não é tão preciosa quanto as almas do povo de Suffield,<sup>3</sup> onde eles estão se reunindo a cada dia para Cristo?

Não há muitos aqui que há muito tempo viveram no mundo e até hoje não nasceram de novo? Assim, são estrangeiros da comunidade de Israel e nada têm feito desde que viveram, senão entesourar ira contra o dia da ira? Senhores, seu caso de modo especial é extremamente perigoso. Sua culpa e dureza de coração são extremamente grandes. Não vêem como as pessoas da sua idade são ignoradas e esquecidas na atual dispensação extraordinária e maravilhosa da misericórdia de Deus? Vocês tiveram a necessidade de considerar e despertar completamente do sono. Vocês não podem suportar a ferocidade e a ira do Deus infinito. Vocês, moças e moços, negligenciarão esta ocasião preciosa que hoje desfrutam, quando tantos outros de sua idade estão renunciando todas as vaidades juvenis e se reunindo a Cristo? Hoje vocês têm extraordinária oportunidade, mas se a negligenciarem, logo sucederá com vocês o que sucedeu a essas pessoas que gastaram todos os dias preciosos da mocidade no pecado e hoje estão em tal situação terrível de cegueira e dureza. E vocês, crianças que não se conver-

*Pecadores nas Mãos de um Deus Irado*

teram, não sabem que estão descendo para o inferno a fim de suportar a ira terrível daquele Deus que hoje está irado com vocês dia e noite? Vocês ficarão satisfeitos em ser filhos do Diabo, quando tantas outras crianças na terra são convertidas e se tornam filhos santos e felizes do Rei dos reis?

E que todos aqueles que ainda estão fora de Cristo e dependurados sobre a cova do inferno, quer sejam velhos e velhas, quer pessoas de meia idade, ou jovens, ou criancinhas, agora prestem atenção à sublime chamada da palavra e providência de Deus. Este ano aceitável do Senhor, dia de tão grande favor para alguns, será indubitavelmente dia de tão notável vingança para outros. O coração dos homens endurece e a culpa aumenta rapidamente em dia semelhante a este, se eles negligenciarem a alma. Nunca houve tão grande perigo de tais pessoas se entregarem à dureza de coração e cegueira de mente. Deus parece estar recolhendo seus eleitos apressadamente de todas as partes da terra. Provavelmente a maior parte das pessoas adultas que serão salvas será recolhida agora em pouco tempo, como foi no grande derramamento do Espírito sobre os judeus nos dias dos apóstolos, quando a eleição estará em vigor e o restante será cego. Se este for o seu caso, você amaldiçoará este dia eternamente assim como o dia em que nasceu, para ver tal ocasião do derramamento do Espírito de Deus, e desejará ter morrido e ido para o inferno antes de tê-lo visto. Não há como duvidar que hoje o machado está — como estava nos dias de João Batista —, posto de maneira extraordinária à raiz das árvores para que toda árvore que não produz bons frutos seja cortada e lançada no fogo.

Portanto, todo aquele que está fora de Cristo agora se desperte e fuja da ira futura. A ira do Deus Todo-poderoso está pendendo agora indubitavelmente sobre grande parte desta congregação. Que todos fujam de Sodoma: “Escapa-te por tua vida; não olhes para trás de ti e não pares em toda esta campina; escapa lá para o monte, para que não pereças” (Gn 19.17).